

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC**

**CURSO DE PSICOLOGIA**

**ELAINE CRISTINA SALVARO CAETANO**

**AS CONTRIBUIÇÕES DA TAA – TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS  
À PSICOLOGIA**

**CRICIÚMA, JUNHO DE 2010**

**ELAINE CRISTINA SALVARO CAETANO**

**AS CONTRIBUIÇÕES DA TAA – TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS  
À PSICOLOGIA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de bacharel, no curso de Psicologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Elenice de Freitas Sais.

**CRICIÚMA, JUNHO DE 2010**

**ELAINE CRISTINA SALVARO CAETANO**

**AS CONTRIBUIÇÕES DA TAA – TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS À  
PSICOLOGIA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel, no Curso de Psicologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Terapias Alternativas.

Criciúma, 02 de julho de 2010.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof.<sup>a</sup> Elenice de Freitas Sais – Especialista - UNESC – Orientadora

Prof.<sup>a</sup> Rosa Nadir Teixeira Jerônimo – Mestre - UNESC

Prof.<sup>a</sup> Myrta Carlota Glauche Jaroszewski – Especialista – UNESC

Dedico este trabalho a minha família, meu esposo, e principalmente à minha filha, Carolina, pelo alento e pelo amor extremado que me impulsiona à frente, pelo que a mim significa.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar a Deus, que iluminou meu caminho durante essa caminhada colocando, com muita sabedoria, os animais em minha vida. Agradeço também a meu esposo Marcos, que de uma forma especial e carinhosa me deu força e coragem, apoiando-me em todos os momentos desta jornada.

Agradeço a minha filha Carolina, pelo amor, compreensão e paciência que teve, em entender que, muitas vezes, tive de me ausentar um pouco para cumprir as atividades acadêmicas.

Agradeço a meus pais, Agenor e Sirlete, que sempre com muito amor e carinho me apoiaram em tudo.

Agradeço a minha orientadora Elenice pelo interesse no tema, incentivo e ensinamentos no decorrer deste período.

Agradeço também aos meus amigos que nunca deixaram que eu desistisse e sempre me apoiaram. Agradeço de forma especial minhas amigas Beatriz e Paula, que desde o começo da graduação sempre estiveram ao meu lado.

Agradeço a Professora Myrta pelo carinho com que sempre me tratou. Obrigada por me ouvir quando precisei.

Agradeço a Professora Rosa, que me inspirou na busca pelo tema.

Agradeço ainda a todos os que me criticaram, pois as críticas só me fizeram crescer e ter a certeza de que tudo valeu a pena.

“Quando o homem aprender a respeitar até o menor ser da criação, seja animal ou vegetal, ninguém precisará ensiná-lo a amar seu semelhante.”

***Albert Shwweit***

## RESUMO

O objetivo deste estudo é compreender a relação homem animal no âmbito da terapia auxiliada e mediada por animais, buscando-se possíveis contribuições da Psicologia. Também busca compreender o que é a TAA (Terapia Assistida por Animais) e sua utilização. Pode-se constatar a relevância do tema e a sua emergência no meio acadêmico, com vários cursos de graduação pelo país oferecendo disciplinas em relação ao tema. A utilização de animais com fins terapêuticos já chega aos hospitais, instituições que trabalham com saúde, escolas, dentre outros, sempre promovendo melhoras significativas nas pessoas e nos ambientes. Com relação à Psicologia pode-se verificar inúmeras contribuições, destacando-se as mais citadas: mudanças comportamentais, sentimentais, afetivas, sociais e de qualidade de vida e de saúde.

**Palavras-chave:** Terapia Assistida por Animais. Relação Homem e Animal. Contribuições à Psicologia.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Desde os tempos mais antigos o homem domestica animais. Arte Rupestre .....	14
Figura 2 . Anubis, Set, Thot e Horus, deuses egípcios. ....	15
Figura 3 Terapia com animais de estimação.....	18
Figura 4. A equoterapia com portadores de síndrome de Down. ....	40



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AAA – Atividade Assistida por Animais.

TAA – Terapia Assistida por Animais

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2 A RELAÇÃO ENTRE O HOMEM E O ANIMAL .....</b>	<b>14</b>
<b>3 HISTÓRIA DA TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS.....</b>	<b>20</b>
<b>3.1 Conceitos de Atividade Assistida por Animais (AAA) e de Terapia Assistida por Animais (TAA).....</b>	<b>22</b>
<b>3.1.1 Corpo Administrativo.....</b>	<b>24</b>
<b>3.1.2 A organização e seus objetivos .....</b>	<b>25</b>
<b>3.1.3 Recursos necessários à estruturação da AAA/TAA.....</b>	<b>25</b>
<b>3.1.4 Segurança nos procedimentos das AAA/TAA.....</b>	<b>26</b>
<b>3.1.5 Tratamento confidencial com respeito aos colaboradores .....</b>	<b>27</b>
<b>3.2 Conhecendo o funcionamento de AAA/TAA.....</b>	<b>27</b>
<b>3.2.1 Modelos de projetos que podem ser utilizados em AAA e TAA .....</b>	<b>29</b>
<b>3.2.2 Principais animais utilizados em AAA e TAA .....</b>	<b>30</b>
<b>3.3 Avaliação dos animais.....</b>	<b>31</b>
<b>3.3.1 Conservando o conforto do animal na AAA/TAA.....</b>	<b>33</b>
<b>3.3.2 O que os animais têm a oferecer .....</b>	<b>34</b>
<b>3.3.3 Objetivos destacados para o sucesso da AAA/TAA .....</b>	<b>35</b>
<b>3.4 Experiências recompensadoras na AAA/TAA.....</b>	<b>36</b>
<b>4 A TAA COM ÊNFASE À CINOTERAPIA E EQUOTERAPIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES A PSICOLOGIA .....</b>	<b>38</b>
<b>4.1 A Equoterapia .....</b>	<b>38</b>
<b>4.1.1 Contribuições da Equoterapia à Psicologia.....</b>	<b>40</b>
<b>4.2 A Cinoterapia .....</b>	<b>42</b>
<b>4.2.1 Benefícios da Cinoterapia para as crianças .....</b>	<b>46</b>

<b>4.2.2 Contribuição da Cinoterapia para Idosos .....</b>	<b>48</b>
<b>4.2.3 Contribuições da Cinoterapia à Psicologia.....</b>	<b>50</b>
<b>5 CONCLUSÃO .....</b>	<b>52</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>55</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>61</b>
<b>ANEXO 1 - PROJETOS PARA AAA E TAA .....</b>	<b>62</b>
<b>ANEXO 2 - EXEMPLO DE CÃO UTILIZADO EM AAA E TAA .....</b>	<b>65</b>
<b>ANEXO 3 - CINOTERAPIA EM CRICIÚMA, SC.....</b>	<b>69</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O interesse pelo presente tema surge da observação cotidiana da pesquisadora quanto à relação dos animais e seus donos, neste caso, falando dos animais de estimação em geral.

Os laços construídos neste convívio, sempre chamaram a atenção da pesquisadora, que muitas vezes, ouviu de donos de animais que estes os auxiliam e têm uma forma de “compreender” e “perceber” quando sentem angústias, medos, estão tristes. Em algumas circunstâncias sentem-se compreendidos pelos seus animais do que pelos próprios humanos que compõem seu círculo de amizades, ou familiares. Diante disto se percebeu a necessidade de aprofundar este conhecimento nesta pesquisa.

Vale, neste momento, também ressaltar que a escolha pelo tema também deu-se pela grande afinidade existente entre a pesquisadora e os animais.

Esta afinidade com os animais desde sua infância foi identificada também na graduação, em uma aula de Dinâmica de Grupo, na qual a professora da disciplina e palestrante percebeu a forte relação estabelecida entre a acadêmica e os animais, o que também corroborou para a possibilidade da pesquisa em relação aos animais.

Então por sugestão da professora orientadora da presente pesquisa, percebeu-se que no meio acadêmico já existem estudos sobre o desenvolvimento de terapias que utilizam animais com propósito de melhora na saúde e qualidade de vida de pacientes, onde foca-se para a compreensão da TAA – Terapia Assistida por Animais.

Para a concretização do presente estudo, escolhe-se a metodologia de revisão bibliográfica, de cunho qualitativo e exploratório.

Fato importante a ressaltar é que como pergunta desta pesquisa promoveu-se a seguinte: Quais seriam as contribuições da Terapia Assistida por Animais à Psicologia?

Encontrar respostas a esta questão é, sobretudo, desmistificar e compreender a relação existente entre homem e animal, principalmente no que tange à utilização de animais domésticos como aliados, de forma terapêutica, nos

processos de melhora das pessoas, e isto tornou-se o norte das leituras e o que a pesquisa procurará apresentar neste estudo.

Para melhor responder-se à pergunta de pesquisa, dividiu-se a mesma em três capítulos, brevemente descritos a seguir:

- Um primeiro capítulo, trazendo o histórico da relação entre homem e animal, desde os primórdios da humanidade.

- Em um segundo capítulo, procurou-se compreender as noções de práticas a partir da utilização de animais, apresentando-se propostas como a AAA – Atividade Assistida por Animais e a TAA – Terapia Assistida por Animais, procurando diferenciá-las.

Na sequência do estudo, desenvolveram-se, no terceiro capítulo, conceitos sobre outras terapias nas quais se utilizam animais, sendo: a equoterapia (com equinos) e a cinoterapia (com cães) procurando-se a partir destas estabelecer as contribuições a Psicologia.

Escolhe-se focar nas duas terapias citadas por serem as mais difundidas sobre as quais existem mais estudos e materiais científicos publicados.

Para tanto foram analisadas em torno de 40 (quarenta) obras, dentre estas: artigos científicos e livros.

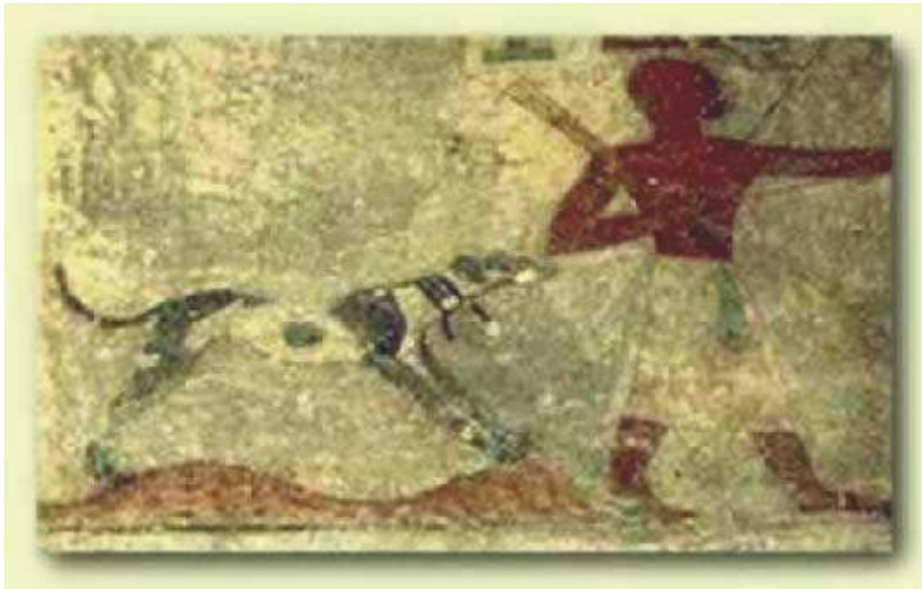
Assim, esta, se configura como sendo uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo exploratório que, de acordo com Cervo e Bervian (2002, p.69), é bibliográfica, pois busca, a partir das referências teóricas publicadas em documentos, ser desempenhada independentemente ou como pesquisa descritiva ou experimental.

Do mesmo modo, a pesquisa qualitativa avalia a analogia entre realidade e sujeito, e não pode ser traduzida em dígitos. A interpretação do fenômeno e o seu significado são determinantes no procedimento do estudo qualitativo, mas não demanda o emprego de métodos e técnicas estatísticas. (LUCIANO, 2006)

E por fim, sendo exploratória “realiza descrições precisas da situação e quer descobrir as relações existentes entre os elementos componentes da mesma”. (CERVO E BERVIAN, 2002, p. 69)

## 2 A RELAÇÃO ENTRE O HOMEM E O ANIMAL

O relacionamento entre homens e animais é muito antigo, tendo início na Pré-História. Essa relação foi de grande importância para o homem, como encontrado em inscrições, há demonstrações deste convívio desde os primórdios, e também nas escavações realizadas nas cavernas, como ilustra a figura 1.



**Figura 1 Desde os tempos mais antigos o homem domestica animais. Arte Rupestre**  
**Fonte:** VIEIRA, 2007.

Corroborando tais fatos, Berzins (2000, p. 55) afirma que “estudos apontam para a relação homem-animal na pré-história, onde foram encontrados sítios arqueológicos em que o animal doméstico era enterrado em posição de destaque ao lado do seu provável dono”.

Durante sua evolução o homem percebeu que os animais poderiam ser fonte de ameaça e perigo, ou servir como auxílio e suporte em suas necessidades cotidianas relatado nas atividades de caça, na proteção e segurança das cavernas, e depois de suas habitações, bem como aproveitar suas potencialidades na utilização de vestuário e ainda no transporte dos seres humanos.

Neste sentido, Starling, Thomas e Guidi (2005, p. 1) relatam:

Há milhões de anos o Homem primitivo já dividia seu território com os cães selvagens. Naquela época os cães permaneciam à frente da caverna, pela oferta de carne fresca, caçada pelos homens. Essa relação possibilitava ao ser humano uma segurança territorial contra qualquer invasor.

Além destas características, os animais também eram vistos como fonte de poder e força por algumas crenças e culturas. (DOTTI, 2005).

No entanto, o registro histórico mais antigo até hoje encontrado sobre essa relação, é a descoberta de um túmulo em Israel datado de 12 mil anos atrás, no qual se encontrou o corpo de uma mulher idosa enterrada com a mão segurando um filhote de cachorro. Indícios semelhantes foram encontrados em aldeias na atual Jordânia e em terras da atual Turquia, há pelo menos 8 mil anos da Idade Antiga (LANTZMAN, 2004).

Do mesmo modo, há evidências que afirmam que no Egito, o vínculo do animal com o homem abrangeu todas as dinastias, pois seus deuses eram compostos por formas semi-humanas, um misto de humano com formato de animais em sua grande maioria. A mitologia é riquíssima pelas centenas de exemplos, e com influência literária e religiosa, em várias civilizações que se seguiram, em sua simbologia, até o presente (LANTZMAN, 2004).

Estas divindades representavam valores, proteção e esperança para o mundo em que viviam. Pensavam os crentes do antigo Egito e de outras civilizações que, através destas figuras, o homem poderia alcançar ou almejar a evolução do espírito, o encontro com a perfeição e o conhecimento do caminho necessário para alcançar a felicidade eterna (DOTTI, 2005).



**Figura 2 . Anubis, Set, Thot e Horus, deuses egípcios.**  
Fonte: NUNES, 2008.

Do mesmo modo, esses deuses eram dotados de paradoxos, como a idéia de bem e mal e seguidos ou interpretados de forma em que reis, rainhas e cidadãos utilizavam-se destes seres para guiar suas existências e aspirações.

Há também indícios desde o século XVII da importância dos animais na socialização do homem. Essa mudança de comportamento acabou aproximando ainda mais o animal do homem. Os animais migraram das fazendas para os quintais e finalmente para dentro de suas residências (DOTTI, 2005).

Seres humanos e animais foram aprendendo a conviver um com o outro, e dessa forma a proximidade de ambos trouxe vantagens. Com o passar do tempo se tornaram companheiros e a relação passou a ser de respeito e cumplicidade, além de serem promovidas relações especiais entre homem e animal.

Os animais são figuras presentes na cultura atual e no cotidiano dos cidadãos, fazem parte da sua história. Estão situados no folclore, nos contos infantis, nas artes, nos desenhos, nas estampas de roupas, em simbologias religiosas, nos mais diversos motivos, inclusive da indústria. Além disso são companheiros de milhões de pessoas, nas casas, nos apartamentos, como componentes de trabalho, como cães de guarda, ou ainda, como artistas de diversão, nos circos, no cinema, no teatro, no sistema policial, auxiliando, por exemplo, no combate ao tráfico de drogas, e ainda na ciência, como no caso das cobaias, ou na experiência com primatas (CHAGAS et al, 2009).

Provavelmente o cão foi o primeiro animal domesticado pelo homem e se tornou o seu melhor amigo. Nos dias de hoje, os cães desempenham outros papéis, como cães treinados para fins militares ou de guarda.

De acordo com Fuchs (1987, p. 5), essa relação poderia ter sido iniciada com um lobo que adquiriu, no contato com os humanos, características mais dóceis e que acabou por ser utilizado nas caçadas e como proteção das cavernas. Tanto os cães como os lobos são criados em famílias e quando retirados das mesmas, procuram afago em seres humanos sendo estes suas novas figuras de autoridade e afetividade.

Outra versão sugere que devido ao frio e à fome que passava, o homem da caverna utilizava o cão para se livrar do frio e retribuía ao animal com restos de comida, livrando-se assim do lixo existente.

No entanto, a maior transformação se deu na modernidade:

[...] Mas a grande mudança deu-se a partir dos tempos modernos, com a criação de cães para a função principal de guarda da propriedade, de tração de carroças e trenós, ou utilidade para acompanhar tropeiros, agricultores, além da condição de estimação. (BERZINS, 2000, p.55).



Durante a Idade do Bronze e do Ferro o cavalo também foi fundamental na história do homem, pois teve grande importância nas atividades de pastores nômades e acompanhou a evolução das sociedades humanas até sua domesticação. Era o meio de transporte mais rápido e confiável até a invenção da máquina a vapor (LEVINE, 1999).

Iniciou-se, assim um processo de aproximação, em que a necessidade de utilização de animais domésticos tornou-se uma relação de afetividade e familiaridade.

O animal que era considerado companhia torna-se elemento de contentamento emocional nas mais diversas classes sociais existentes.

O homem contemporâneo estabelece um processo irreversível de socialização criando um relacionamento estável e duradouro que ao ser conduzido com atenção e carinho concorre para a categorização de um grupo particular de animais, denominado animais de estimação. (FERREIRA et al, 2007, p. 1).

Hoje animais como cães, gatos e cavalos têm se tornado um poderoso instrumento de pesquisa, visto que a sociedade contemporânea tem como características destacadas a solidão e o isolamento, e o animal, de algum modo, coopera minimizando estes sentimentos. (MEDEIROS; CARVALHO, 2008).

Na atualidade os animais estão em consultórios, hospitais, escolas e instituições, desempenhando inúmeras atividades em nossa sociedade, são chamados cães de serviço, treinados para ajudar pessoas deficientes, guiando e servindo de condutores para deficientes visuais.

Tratando especificamente dos cães, Kassis (2002, p. 24-25) afirma que: “em termos psicológicos, os cães, através de sua pureza e espontaneidade instintiva, resgatam a criança interior da pessoa e aumentam a capacidade de amar da mesma”.

Também existem os cães de resgate que são treinados para trabalhar com bombeiros e equipes de salvamento, ajudando no resgate de vítimas, de desaparecimento ou acidentes. Podem, também ser cães farejadores, treinados para farejar drogas, bombas, corpos, geralmente trabalham com policiais, e desempenham tarefas vitais para as pessoas (DOTTI, 2005).

Este contato permitiu uma vasta e detalhada observação a respeito dos benefícios oferecidos pelos animais aos seres humanos principalmente às crianças,

como cita FINE (2000), em que estas desenvolveram senso de responsabilidade e respeito com as pessoas através de seus animais.

Nestes casos, podem-se citar os animais de estimação, visto que estudos do “American Journal of Cardiology mostram que pessoas, ao interagirem com animais, constantemente tendem a apresentar níveis controlados de estresse e de pressão arterial, além de estarem menos propensas a desenvolver problemas cardíacos.” (VICÁRIA, 2003, p. 91).

Além disso, a presença do animal de estimação auxilia na redução de problemas como: a ansiedade, o estresse e alterações cardíacas, em que a recuperação se tornou mais rápida e com maior ênfase até mesmo na depressão, pelo simples fato das pessoas levarem seus companheiros para passear. (BERZINS, 2000).

Corroborando com estas pesquisas, Becker e Morton (2003, p. 29) relatam que: “através do relacionamento íntimo com os animais de estimação despertamos as outras características animais, igualmente poderosas, da lealdade, do amor, do instinto e da jovialidade.”



**Figura 3 Terapia com animais de estimação.**  
**Fonte: MORENO, 2009.**

Deste modo, segundo Becker e Morton (2003, p. 137) acredita-se que os bichos podem auxiliar os seres humanos de duas formas:

[...] podem desviar o foco da pessoa de sua dor e melhorar seu ânimo. Em seguida através do contato físico, podem bloquear a transmissão da dor para a periferia do sistema nervoso central, fechando os centros de processamento da dor.

Assim, nas últimas décadas, surgiu um dado novo: o crescente interesse científico pelo estudo da relação entre homem e animal, tendo em vista seu potencial terapêutico.

As modalidades de intervenção com a participação de animais abrem para os profissionais de saúde e da educação a perspectiva do uso de recursos terapêuticos auxiliares. (ALTHAUSEN, 2006).

A utilização dos animais para o benefício do ser humano torna-se, no contexto referido, uma oportunidade excelente para o progresso da ciência, proporcionando mais pesquisas que visam apreender o potencial, ainda não imaginado ou percebido nesta relação e, espaços terapêuticos possíveis. Sempre no acolhimento às pessoas necessitadas, para despertá-las para uma interação mais favorável com o mundo, e melhorando, assim, sua vida.

### 3 HISTÓRIA DA TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS

De acordo com Dotti (2005), há registros no século IX a.C. nos quais Hommer escreveu sobre Asklépios, o Deus grego da saúde. Asklépios tinha o poder divino que era estendido aos cães sagrados. Acreditava-se naquela época que se uma pessoa cega fosse lambida pelo cão sagrado ficaria curada imediatamente.

O primeiro registro de terapia com animais teve origem na Inglaterra em 1792, William Tuke criou o Retiro York, uma instituição onde havia vários animais domésticos, de grande utilidade, visto que os animais auxiliavam no tratamento de doentes mentais encorajando-os a movimentar-se e comunicar-se. (PEREIRA; PEREIRA; FERREIRA, 2009).

O próximo registro oficial foi na Alemanha em Bielefeld em 1867, onde foi fundado um centro residencial para epiléticos, no qual eram utilizados animais como forma de tratamento. (BARROS, 2008 ; HERNANDEZ, 2008).

Na década de 60 surgiram novos registros, uma série de artigos foi publicada pelo norte-americano Boris M. Levinson sobre as possibilidades de intervenções e os efeitos benéficos obtidos nas sessões terapêuticas com a presença de um animal (OLIVEIRA, 2007).

Seu primeiro artigo, "O cão como co-terapeuta" (1962) relata a primeira experiência que teve com a participação de seu cão Jingles. Esses relatos fizeram com que Levison fosse considerado o precursor da Terapia Assistida por Animais (TAA) (ALTHAUSEN, 2006; DOMINGUES, 2008).

Manucci (2005, p. 8-9) destaca como Levison, após observar os benefícios que o animal promovia para o paciente durante a sessão, relatou o seguinte:

Enquanto eu recebia a mãe, Jingles correu em direção à criança e começou a lambê-lo. Para minha surpresa, o menino não se assustou senão que abraçou o cachorro e começou a acariciá-lo. (...) Durante várias sessões brincou com Jingles, aparentemente alheio á minha presença. De qualquer maneira, mantivemos muitas conversações durante as quais estava tão absorto com o cachorro que parecia ainda não conseguir dar respostas coerentes. Finalmente parte do afeto que sentia pelo cachorro recaiu sobre mim e fui conscientemente incluído nos jogos. Lentamente atingimos uma forte compenetração que possibilitou meu trabalho para resolver os problemas da criança.

No Brasil, a TAA teve início na década de 60 com a psiquiatra Nise da Silveira, que utilizava os animais como co-terapeutas no tratamento de pacientes esquizofrênicos, visto que percebeu que os pacientes com dificuldade de contato se vinculavam aos cães com facilidade (BARROS, 2008).

A história do animal como co-terapeuta no nosso serviço começou assim: foi encontrada no terreno do hospital uma cadelinha abandonada, faminta. Tomei-a nas mãos, demorei meus olhos nos olhos de um interno que se aproximava e perguntei: Você aceita tomar conta dessa cadelinha, com muito cuidado? Ele respondeu que sim. Sugerí o nome de Caralâmpia, que apareceu como meu apelido nas Memórias do Cárcere de Graciliano Ramos. (...) Os resultados da relação afetiva entre Caralâmpia e o internado Sr. Alfredo foram excelentes (SILVEIRA, 1992, p. 80).

A partir desse momento foram desenvolvidos mais trabalhos, e novas pesquisas estão sendo realizadas. Desta forma, o conhecimento científico sobre estas formas de terapia estão em amplo crescimento. Boris Levinson e Nise da Silveira eram amigos e comentavam sobre a importância dos animais nos processos terapêuticos.

Excelentes catalisadores são os co-terapeutas não humanos. Desde a adoção da pequena cadela Caralâmpia (...) verifiquei as vantagens da presença de animais no hospital psiquiátrico. Sobretudo o cão reúne qualidades que o fazem muito apto a tornar-se um ponto de referência estável no mundo externo. Nunca provoca frustrações, dá incondicional afeto sem nada pedir em troca, traz calor e alegria ao frio ambiente hospitalar. Os gatos têm um modo de amar diferente. "Discretos, esquivos, talvez sejam muito afins com os esquizofrênicos na sua maneira peculiar de querer bem". (SILVEIRA, 1982, p. 81)

Conforme a citação, a autora observa o quanto o animal pode ajudar no processo de cura dos pacientes e a importância de mais pesquisas sobre o tema.

Destaca-se o senso de contribuição de pessoas desprendidas, preocupadas com o bem-estar do próximo, e sensibilizando-se com a possibilidade da contribuição de um animal para o benefício em relação à saúde de um ser humano, já que a relação entre o homem e o animal sempre foi intensa, das mais variadas formas, e no plano doméstico de uma forma mais próxima e emotiva (DOTTI, 2005).

Esta proximidade possibilita que estes laços emotivos contribuam para a melhoria do ser humano com estas terapias e sua assistência através dos mais variados animais.

### 3.1 Conceitos de Atividade Assistida por Animais (AAA) e de Terapia Assistida por Animais (TAA)

Em 1996, a organização americana Delta Society achou necessário colocar uma definição correta que comprovasse credibilidade e profissionalismo para designar a realização de atividades com animais e definiu esta interação como Atividade Assistida por Animais e Terapia Assistida por Animais (DOTTI, 2005).

Conforme Latzman (2004), na Atividade Assistida por Animais (AAA) não há um acompanhamento médico periódico nas visitas, e estas são realizadas com os animais semanalmente a fim de promover a distração, recreação e o bem-estar dos pacientes por meio do contato dos animais com essas pessoas.

Há a proposição, desta forma, de um relacionamento de entretenimento, oportunizando a movimentação, a fim de melhorar a qualidade de vida (ABREU et al, 2008).

Neste âmbito, assim se expressa Dotti (2005, p. 30):

[...] é um conceito que envolve a visitação, recreação e distração por meio de contato direto dos animais com as pessoas. São atividades desenvolvidas por profissionais treinados que levam seus animais às instituições, para uma visita de aproximadamente uma hora semanalmente. São atividades que desenvolvem o início de um relacionamento, propõem entretenimento, oportunidades de motivação e informação a fim de melhorar a qualidade de vida.

Já a Terapia Assistida por Animais (TAA) exige que haja um acompanhamento de profissionais da área da saúde como fisioterapeutas, psicólogos e médicos dentre outros, que utilizam os animais como parte de um tratamento (ABREU et al, 2008).

Dotti (2005, p. 30) ainda contribui:

Envolve serviços da área médica e outros, que utilizam o animal como parte do trabalho e do tratamento. A TAA é dirigida e desenhada pra promover a saúde física, social, emocional e/ou funções cognitivas. É um processo terapêutico formal com procedimentos e metodologia, amplamente documentada, planejada, tabulado, medido e seus resultados avaliados. Pode ser desenvolvida em grupo ou de forma individual.

No caso, é direcionada para promover a saúde física, social, emocional e/ou de funções cognitivas. Além dos profissionais da saúde humana é necessário

que haja o acompanhamento de um médico veterinário para fazer uma avaliação do comportamento e da saúde dos animais que participam das atividades (ABREU et al, 2008).

Leal e Natalie (2007) consideram que as intervenções que utilizam a participação de animais como a AAA e a TAA possuem objetivos diretos de promover atividades que contribuam para a saúde e o bem-estar dos indivíduos, tanto com função motivacional, educacional, lúdica ou terapêutica, assim como o de melhorar o funcionamento físico, social, emocional e cognitivo.

Estas intervenções com participações de animais, denominadas AAA/TAA, começaram sua trajetória edificando uma estrutura que tem como base algumas normas e padrões, que foram implantados a partir do organismo "Delta Society", nos Estados Unidos da América, espalhando-se pelo mundo.

Para Dotti (2005), uma estrutura como a AAA/TAA, para prestar convenientemente seu trabalho, deve ser composta de no mínimo cinco diretores, os quais devem ocupar os seguintes cargos: Presidente, Vice-Presidente, Diretor Administrativo, Diretor Financeiro e Diretor de Relações Públicas. Obviamente os diretores podem ter cargos diferenciados, mas essas áreas são chave para a organização. Entre esses diretores é fundamental a existência de profissionais da área de saúde animal ou humana.

Essa organização administrativa deve constar na sua Ata da Assembléia e na composição do Estatuto Social, quando caracterizada sua fundação e início de atividades. Este deve ser feito nos padrões a atender os objetivos da entidade, que pode ser uma Associação, ONG - Organização Não-Governamental, OSCIP - Organização de Sociedade Civil de Interesse Público, Fundação etc (DOTTI, 2005, p. 39).

Conforme Moreno (2009), a decisão sobre a atividade da organização deve ficar a critério de seus fundadores e de como eles podem e devem trabalhar. Uma ótima indicação para essa definição é estudar e discutir possibilidades com advogados e profissionais da área contábil.

Para Dotti (2005), deve haver contatos com organizações semelhantes, dentro do mesmo espírito, para que se possa chegar ao formato desejado. Todas as atividades da organização devem ser documentadas, inclusive as obrigações e objetivos. Registrar oficialmente a entidade e manter todos os documentos em arquivo, sejam eles autorizações, pedidos, avaliações e parcerias.

Dessa forma, estruturam-se centenas de AAA/TAA no país, que estão prestando serviços relevantes à saúde do brasileiro ou melhoria de sua qualidade de vida.

Em uma organização como a AAA/TAA, é importante planejá-la bem, para que os objetivos sejam alcançados, e isto demanda principalmente que se estude e se tenha conhecimentos sobre atividades que possam ser desenvolvidas.

Desta forma, as atividades com os animais devem abranger profissionais ou participantes diversos, mas de diferentes capacitações, para que possam contribuir, de todas as maneiras, para o benefício da pessoa necessitada (LEAL; NATALIE, 2007).

O animal pode demorar a entender o que dele se pretende, mas todo o possível deve ser feito se o animal for utilizável, porque os resultados, as consequências do trabalho é que importam, e muitas experiências nos últimos anos ficaram conhecidas, com a difusão dos diversos êxitos na AA/TAA sendo alcançados.

### **3.1.1 Corpo Administrativo**

Para participar de estruturas organizacionais e com o intuito de AAA e TAA, os profissionais que compõem o seu corpo administrativo devem ter conhecimentos profundos do que as mesmas pretendem e suas implicações para conseguir fazer com que seus pacientes sejam beneficiados.

Desta maneira, muitos profissionais interagem para que a utilização dos animais possa ser gerida proveitosamente. Desta forma, profissionais da saúde, criadores e tratadores, treinadores, veterinários, estão envolvidos para prestar, com o animal escolhido e disponibilizado para o caso, melhoria ao paciente (CHAGAS et al, 2009).

Abreu et al (2008) assinala a importância da organização dos programas de AAA/TAA, com esta composição de um corpo de profissionais que sejam responsáveis por todas estas áreas da entidade, incluindo o público interno e externo, assim como contratar ou implementar serviços de contabilidade e da área financeira.



Para que permaneça o êxito que se apreende dos estudos sobre estas organizações, imprescindível é que seu corpo de profissionais, de colaboradores e de voluntários envolva-se com seus objetivos, bem como suas responsabilidades.

### **3.1.2 A organização e seus objetivos**

Para Becker (2003), participar de uma organização que possibilite atividades como a AAA ou TAA, por exemplo, demanda, seja colaborador que deseja iniciar na organização, seja ele profissional da área ou não, ter conhecimento pleno de todos os detalhes sobre o trabalho.

Após esse conhecimento, com a concordância do futuro participante da organização, marca-se o início da avaliação dos animais, para ponderação sobre suas particularidades, características e condições de serem aproveitados nas terapias alternativas planejadas por estas instituições. (DOTTI, 2005).

Com estas atribuições e objetivos bem definidos, a organização consegue alcançar seus propósitos e determinar realmente avanços, com os animais de co-terapeutas, na área da prestação de serviços na área de saúde aos pacientes ou interessados, portadores de doenças as mais diversas.

### **3.1.3 Recursos necessários à estruturação da AAA/TAA**

Para Chagas et al (2009, p. 1), o desenvolvimento da AAA/TAA representa uma grande economia para a saúde pública, beneficiando-se do voluntariado e de entidades não-governamentais, além da prestação de serviços e colaborações de diversas entidades, possibilitando ao paciente um mínimo de gastos ou até trabalho gratuitos, que envolvem o benefício de sua saúde, e “em casos em que métodos tradicionais de tratamento falharam”.

Tanto quando se utiliza a AAA como a TAA, sempre se deve levar em consideração a manutenção de serviços básicos, como o pagamento de profissionais da área contábil e da área de sistemas (internet e outros meios de

comunicação, telefones, fax), e nos casos, existem diversos mecanismos que conseguem prover suas atividades.

Abreu et al (2008) menciona ainda que faz parte dos organizadores de entidades que promovem a AAA e a TAA difundir, pelos resultados obtidos nos últimos anos, ao público, suas realizações, mediante publicidade, um marketing intenso relativo às suas programações, mediante uma parte institucional que também deve ser planejada, como camisetas, folhetos institucionais, identificações, bandanas etc., que proporcionam veiculação na mídia a partir de sua visualização (DOTTI, 2005).

Todas estas operações devem promover o que as organizações realizam de atividades em benefício de necessitados ou doentes, para que muitas outras pessoas sejam alcançadas pelos seus benefícios.

### **3.1.4 Segurança nos procedimentos das AAA/TAA**

Para evitar acidentes, principalmente com os animais e pessoas envolvidas, todos devem estar cientes dos possíveis riscos que o trabalho na AAA/TAA envolve.

Dotti (2005, p. 42) alerta que devem ser implementados diversos tipos de seguros, “que possam cobrir acidentes com pessoas, profissionais, proprietários, condutores e animais. Aliás, o seguro é o formato mais indicado e deve ser implementado tão logo seja possível”.

No Brasil, essa modalidade ainda é pouco difundida pelas dificuldades de angariar recursos e mecanismos ante as seguradoras, mas existem projetos para que se viabilize a cobertura possível dos casos passíveis de suceder na AAA/TAA, e que precisam ser protegidos nesta área.

### **3.1.5 Tratamento confidencial com respeito aos colaboradores**

Todos os envolvidos com a AAA/TAA são instruídos, conforme Abreu et al (2008), a somente difundirem informações sobre os procedimentos existentes na organização a partir de autorização, porque há princípios de privacidade aí a ponderar, para que as doenças não sejam divulgadas, nem as formas de tratamento, porque os desavisados podem não entender os métodos utilizados com a colaboração dos animais.

No caso, é preferível que somente pesquisadores, com a documentação segura a respeito dos progressos e avanços na área, sejam os habilitados a difundir o que sucede na AAA/TAA.

Moreno (2009) considera que tratamentos que sejam relevantes em seus resultados somente devem ser colocados à disposição do público interessado mediante trabalhos de profissionais da área médica que trabalhem para a organização.

Para Dotti (2005, p. 47), “todos os participantes da organização devem manter a confidencialidade sobre os procedimentos e objetivos projeto para o público externo”.

Com este critério, somente os profissionais habilitados podem dar entrevistas, já que estariam conscientes dos tratamentos empregados e poderiam fornecer detalhes técnico-científicos daí decorrentes e utilizados, com os animais, no tratamento dos pacientes.

## **3.2 Conhecendo o Funcionamento de AAA/TAA**

Ainda existem muitos questionamentos sobre o início dos trabalhos nessa área.

Para Dotti (2005, p. 49), um modelo mais objetivo, real e seguro de se começar na AAA/TAA, leva em conta as considerações a seguir:

Dentro do escopo já explicado, um grupo de pessoas com profissionais da área da saúde humana e animal pode iniciar um programa, sem mesmo registrá-lo ou ter qualquer envolvimento com documentos oficiais de uma organização, temporariamente. Isso é claro, para se ter experiência de alguns meses, antes de oficializar a organização. Toda estrutura explicada anteriormente pode ser criada, mas não registrada até que se tenha a indicação e a certeza da continuidade do trabalho. Esse formato não isenta qualquer participante, ou o conjunto deles, de suas responsabilidades, podendo responder juridicamente pelas ações que couberem, por meio de termos de responsabilidade que devem ser apresentados às instituições. Recomenda-se, ainda, que esses grupos observem e participem de organizações já estabelecidas, antes de iniciarem seus trabalhos, para adquirirem experiência.

Para que este trabalho possa ser realizado, é importantíssimo saber como cuidar de um dos componentes mais importantes, o animal, em todas as suas especificidades, dada a variedade de espécies que podem ser envolvidas nestas atividades.

Conforme Chagas et al (2009), nessas terapias são utilizados todos os tipos de os animais que possam entrar em contato com o homem sem causar-lhes perigo. Entre os escolhidos pelos profissionais envolvidos nos tratamento estão o gato, o coelho, a tartaruga, o pássaro, peixes diversos, o cão, o cavalo e inclusive animais exóticos como iguana e camaleão, ou diferenciados como a chinchila, a cobaia, o hamster. Dos mais utilizados entre eles é o cão, assim como o cavalo, em terapias denominadas de Cinoterapia e Equoterapia, a serem comentadas e descritas adiante do estudo, e tanto em AAA como em TAA.

Conforme Oliveira (2007), é imprescindível uma análise detalhada das implicações dos animais que serão utilizados ou não, sempre tendo como objetivo a contribuição positiva que os animais poderão ter num programa integrado de AAA/TAA. Assim é necessário que cada pessoa receba tratamento adequado à sua condição de saúde, disposição e vontade.

Por este pensamento, cada animal tem suas próprias características, vantagens e desvantagens. Por exemplo, não se pode nunca trabalhar com cães, gatos e animais de pelo longo ou espesso com pacientes alérgicos. Devem ser escolhidos animais pequenos de pelo liso, aves ou mesmo peixes (ABREU et al, 2008).

Com respeito aos peixes, podem ser muito utilizados em instituições, desde que tenham um cuidador para isso. Este voluntário poderá inclusive ensinar as pessoas a alimentarem e a cuidarem deles.

Há oportunidade inclusive de projetar animais que não são usualmente utilizados nestas terapias

O Brasil é pioneiro num projeto muito interessante, e não há outro igual em nenhum lugar do mundo, que é o Dr. Escargot. É um Projeto Educacional com crianças e escargots desenvolvido na USP em Pirassununga - São Paulo, pela Profa. Dra. Maria de Fátima Martins. Apesar de ser um projeto educacional, ele tem também ótimos resultados terapêuticos (DOTTI, 2005, p. 82).

Assim como este tipo de projeto, o Brasil tem promovido condições espetaculares de desenvolver novas pesquisas e ser uma referência mundial. Por quê? Porque o país possui um povo que tem a criatividade à flor da pele e sabe lidar com as situações mais inesperadas possíveis, além de ser comum, como se apregoa popularmente, “ter um grande coração”, além, é claro, do mais importante, de possuir ótimos profissionais na área médica (LEAL; NATALIE, 2007).

Além destes predicados, o Brasil é um país conhecido pela variedade animal, o que permite aos programas como os da AAA/TAA terem facilidade de convocar interessados, com seus animais, para promover, com as terapias descritas, a recuperação de doentes ou interessados.

### **3.2.1 Modelos de projetos que podem ser utilizados em AAA e TAA**

Dotti (2005, p. 84-87) contribui, divulgando uma série de projetos para a área da AAA/TAA, que mostram a participação do animal e sua interação com as pessoas (íntegra no Anexo 1):

- I. Programas de voluntários que se reúnem sob uma direção de profissionais, para cuidar de animais de estimação de pessoas que estão doentes dentro ou fora de seus lares.
- II. Idosos em algumas instituições podem levar seu animal consigo, há locais apropriados quando se está em uma ala, e quando o idoso tem seu próprio quarto ou casa em condomínios para idosos.
- III. As fazendas para muitos tratamentos não são um modelo novo, mas requerem uma boa administração e cooperação dos funcionários e servem como estímulo de educação também para crianças.
- IV. Animais podem ser usados em escolas para que os coordenadores e profissionais de psicologia possam melhorar sua comunicação com alunos que tenham alguma dificuldade no aprendizado, ou mesmo aqueles socialmente, psicologicamente e fisicamente comprometidos.
- V. O trabalho com presidiários pode alcançar grandes resultados com a introdução da AAA/TAA nos presídios.

VI. Para a introdução da AAA/TAA em hospitais, hospícios, centros de reabilitação e enfermarias, é necessário que inicialmente seja feito um trabalho de esclarecimento a respeito e exemplificado com estudos e as ações de programas já existentes.

VII. Visitas ao zoológico

VIII. Palestras, e treinamentos para preparação de voluntários para AAA e TAA.

IX. Contratação de profissionais das áreas de fisioterapia, fonoaudiologia e psicologia que possam desenvolver aulas em universidades, faculdades, empresas e instituições, além de promoverem planos e programas de aplicação dessas disciplinas.

Todos estes projetos podem oferecer enorme contribuição para o desenvolvimento maior ainda de AAA e TAA, com a utilização dos animais para os fins terapêuticos aí desenvolvidos.

### **3.2.2 Principais animais utilizados em AAA e TAA**

Muitas espécies de animais podem ser utilizadas nos programas de AAA/TAA. Os mais utilizados são os cavalos e os cães, mas outros animais também podem ser utilizados como gatos, coelhos, pássaros e até mesmo com botos ou golfinhos. Utilizam-se os cães em projetos de educação, psicoterapia, fisioterapias, em crianças, adultos e idosos com problemas psicológicos e físicos (VACCARI; ALMEIDA, 2007).

Neste contexto, os equinos também são utilizados, o que se denomina como Equoterapia no tratamento de pacientes com limitações físicas e mentais, e cuja utilização destes animais tem proporcionado resultados excelentes.

Desta forma, os animais utilizados na TAA passam por uma avaliação com profissionais de medicina veterinária, os cães devem ser adestrados, terem bom comportamento e serem sociáveis, tendo o acompanhamento de profissionais da psicologia comportamental. Eles passam por reavaliações constantes, são testados quanto ao comportamento, socialização, aptidão e obediência. (VACCARI; ALMEIDA, 2007).

### 3.3 Avaliação dos animais

Depois de se chegar a um consenso sobre as espécies de animais que poderão ser utilizadas no trabalho, deverá haver uma intensa e constante preocupação com a seleção e saúde desses animais (DOTTI, 2005).

Para que o animal possa participar, ele deve ser avaliado por dois profissionais: veterinário e psicólogo com especialização em comportamento animal ou adestrador. O primeiro será responsável pela verificação da saúde documental e física do animal e o segundo, pela avaliação do comportamento quanto à socialização, obediência e temperamento do animal. Somente após essas avaliações é que o animal pode estar apto a iniciar o treinamento com seu proprietário ou condutor para a AAA/TAA, e assim conseguir os resultados esperados (BECKER, 2003).

Para Dotti (2005), o importante é existir uma ficha exclusiva para o controle da saúde do animal pelo veterinário e outra para os testes de comportamento do animal, sendo que essas avaliações devem ser feitas regularmente por esses profissionais para o controle total do animal. Os documentos sobre este controle devem ser colocados em um arquivo destacado, para que se saiba a origem, as características e a capacitação para a terapia por parte de cada animal, ou ainda para pesquisas na área.

O autor ainda destaca um exemplo para avaliação, neste caso o cão, do qual é necessária uma avaliação, por meio de diversos testes que possam medir:

- reação do cão frente a possíveis brincadeiras, afetuosas ou não;
- grau de irritabilidade do cão pela insistência de afagos na cabeça, corpo e cauda;
- resistência do cão de médio e pequeno porte, quando carregado ou pego no colo;
- socialização, levando em conta a espontaneidade do cão frente às mais diversas situações;
- comportamento do cão com os outros cães participantes. (DOTTI, 2005, p. 50).

Para Moreno (2009), na AAA/TAA, as avaliações dos animais, para conhecimento de suas aptidões e condições físicas devem ser contínuas, por várias

visitas, para que haja certeza do que o animal pode contribuir e ainda sobre seu comportamento.

Moreno (2008) ainda esclarece que existe legislação sobre a utilização de componentes protetores para animais como os cães, por exemplo, como focinheiras para raças específicas e que estes animais somente podem servir de exibição, e não parte integrante do tratamento, pois podem causar algum tipo de mal-estar aos pacientes, e consequências possíveis e danosas à entidade, assim como ao pessoal envolvido na terapia.

No tocante ao tratamento com os cães, a cinoterapia, destaca-se que animais de todos os tamanhos podem participar, desde os grandes até os mínimos. O que importa é a sua amabilidade e empatia com os seres humanos. Cães agitados e de comportamento duvidoso não devem participar (DOTTI, 2005).

O autor ainda destaca que os cães devem fazer as visitas sempre com suas respectivas coleiras e guias, principalmente aqueles de grande porte, evitando, dessa forma, possíveis acidentes com as pessoas (DOTTI, 2005).

Moreno (2009) contribui avaliando que deve haver um número substancial de animais em relação ao número de pacientes ou interessados, para que todos possam ter acesso direto ou indireto aos animais, quando de sua contribuição ao tratamento ou visita, no caso da AAA.

Chagas et al (2009, p. 2) destacam que a participação de vários animais em contato com as pessoas em tratamento faz com a interação seja direta e expressiva, pois há a oportunidade do toque, do contato com o animal, que é para eles prazeroso, e, desta forma, “são promovidas experiências emocionalmente satisfatórias que aumentam sua motivação para aprender, experimentar e explorar, modificando gradualmente seu comportamento, predispondo-o a melhora da saúde e do bem-estar”.

Para Moreno (2009), as mais variadas espécies de animais participantes destes programas têm características diferenciadas, com peculiaridades, e assim todo o seu comportamento, os seus costumes, estilo de procedimento ante os comandos, devem ser bem conhecidos pelos colaboradores e pelos profissionais da saúde diretamente envolvidos.

Conforme Dotti (2005), quando existirem programas mistos, ou seja, que trabalhem com uma diversificação de animais de várias espécies, é essencial que todos sejam adestrados para que haja um ambiente de socialização.



### 3.3.1 Conservando o conforto do animal na AAA/TAA

Em qualquer trabalho, que o animal for utilizado é necessário prestar muita atenção em seu comportamento, a fim de que se possa identificar sinais de estresse ou irritação. Às vezes, o animal pode mudar seu temperamento ou mesmo se cansar por diversos motivos, incluindo aqui exigências maiores dele para o trabalho. Algumas pessoas, por falta de controle de seus movimentos, podem também irritar ou machucar o animal (DOTTI, 2005).

Por mais que o animal seja tolerante, é imperativo estar sempre atento a esses sinais. Evita-se, assim, qualquer desconforto que o animal possa ter. Nem sempre, mesmo num programa específico de AAA, o resultado é aquele que se espera. Muitos voluntários não reconhecem em seu animal o limite dele, por isso devem aprender a linguagem corporal do animal e seu comportamento (ABREU et al, 2008).

Para que os animais no processo de AAA/TAA não sofram abusos ou mesmo sejam machucados durante os trabalhos, todos os processos devem ser discutidos em detalhes, para se atingir os objetivos, mas que todos os participantes da prática estejam confortáveis e seja uma experiência de sucesso e de alegria. (BERNSTEIN, 2002 apud OLIVEIRA, 2007).

Moreno (2009) diz que quando algum animal pode provocar algum tipo de acidente ou não se comporte da forma desejada, deve ser retirado do programa onde está atuando.

Existem casos de animais que provocam problemas nas intervenções da AAA/TAA, e possuem sinais que podem ser percebidos e o que deve ser feito.

Alguns sinais podem ser percebidos no animal e indicarem que a atividade ou terapia já acabou são: estar ofegante, tremendo, babando, andando devagar, bocejando, arranhando, estar agitado, tossindo, espirrando e estar com as almofadas das patas umedecidas. São indicações de estresse, e é hora de parar. É inaceitável que o animal tenha efeitos negativos, que possam prejudicar o relacionamento dele com as pessoas. O animal também pode precisar de um adestramento específico para se sentir mais confortável em situações que exijam mais dele. Se, de qualquer forma, perceber-se esse tipo de manifestação em trabalhos rotineiros, a melhor solução certamente é dar férias a ele e deixá-lo em observação. Animais que trabalham quinzenalmente ou mensalmente quase não mostram sinais de estresse; podem mostrar sinais de cansaço se a visita se estender mais do que o tempo estipulado. O trabalho com as pessoas assistidas não deve ultrapassar o tempo de uma hora e meia. (DOTTI, 2005, p, 77).

Abreu et al (2008) assinala que o trabalho deve ser realizado com qualidade, como primeiro atributo e objetivo a ser alcançado, e que o animal seja bem tratado para a concretização deste processo.

Animais institucionalizados se forem permitidos pela legislação - devem ser monitorados constantemente, e deve haver um responsável pelo cuidado com eles.

O responsável deve ter as seguintes aptidões:

[...] conhecer a personalidade dos animais, considerar o limite de cada um, o estado de fadiga ou estresse que o animal possa demonstrar, e conhecer suas necessidades. Deve saber como manejar a relação do animal com as pessoas, ter cuidado nas relações entre os próprios animais, identificar sinais de desconforto, dor, agitação. Analisar o animal mais indicado para cada pessoa nos trabalhos de terapia. (DOTTI, 2005, p. 79),

Para a produção de um bom trabalho e que os pacientes ou interessados usufruam da melhor forma, os animais, para a AAA/TAA, devem ter preservadas suas necessidades, para que os resultados do processo de alcance de melhoria de saúde e de qualidade de vida dos pacientes sejam plenos.

### **3.3.2 O que os animais têm a oferecer**

Dotti (2005, p. 80) assinala que os animais podem auxiliar em programas como a AAA/TAA porque têm a oferecer uma série de requisitos às pessoas, tais como:

- ligação com a natureza;
- oportunidade para desenvolvimento de sentimentos positivos;
- senso de responsabilidade;
- reforço da auto-estima e segurança emocional;
- socialização;
- contato - troca de afeto, que dá intimidade, essencial na Terapia;
- amor incondicional, sem julgamentos;
- prazer em rir e brincar com o animal;
- sensação de conforto e bem-estar;
- estímulo mental, físico e emocional;
- lembranças de memórias passadas.

Chagas et al (2009, p. 2) consideram que a participação dos animais contribui, de forma terapêutica, para a recuperação dos pacientes, em todas as suas características:

[...] podem promover um convívio ou participação mais efetiva socialmente de crianças e adolescentes que estejam em situação de abandono, ajudando-os a compensar déficits afetivos e estruturais, tanto de personalidade como de habilidades e responsabilidades. Quando se estabelece a relação entre animal e indivíduo, este é capaz de reconhecer de imediato o animal como um amigo, de forma a cultivar sentimentos como confiança, cuidado, estima, entre outros. Pesquisadores já demonstraram que a posse de um animal de estimação é influência importante para a construção progressiva de uma criança para um adulto favorável, com ótimo desenvolvimento social, e, no caso dos adultos, esta consciência torna-se mais efetiva, com a participação do animal, em todos os sentimentos descritos.

Desta forma, há uma influência positiva com a participação dos animais nas intervenções terapêuticas, e estas devem ser bem aproveitadas.

### **3.3.3 Objetivos destacados para o sucesso da AAA/TAA**

O sucesso de estruturas administrativas e/ou organizações e entidades que praticam técnicas terapêuticas como a AAA/TAA mede-se pelo que contribuem ao ser humano, buscando sua recuperação e inserção social, e com todos os envolvidos neste afã, com a contribuição do animal.

Oliveira (2007) considera que a inserção do animal na AAA e na TAA efetiva importantes e maiúsculas contribuições para o estudo da recuperação do homem diante dos males da saúde e do comportamento, e é diretamente responsável, com a melhoria terapêutica e de qualidade de vida das pessoas, pelo objetivo maior das organizações, que é a prática de contribuir com o bem ao ser humano.

Dotti (2005, p. 79) considera que promover técnicas como a AAA/TAA pode sempre alcançar os seus objetivos de atendimento aos que dela necessitam, em seu programa de apoio à melhoria da saúde e da qualidade de vida, quando os resultados seguintes surgem, com o trabalho dos envolvidos:

- aumenta a socialização e comunicação;
- reduz o isolamento, solidão, aborrecimento;
- cria afeição, diminui a depressão e proporciona prazer;
- melhora a memória e as lembranças;
- melhora a auto-estima por meio de estímulos, os quais fazem a pessoa se sentir importante, melhorando seus sentimentos;
- melhora a percepção da realidade;
- melhora a cooperação e habilidade em resolver problemas;
- melhora a concentração e a atenção;
- diminui comportamentos de manipulação;
- melhora a expressão de sentimentos;
- reduz a ansiedade em geral;
- reduz comportamentos abusivos;
- aumenta a habilidade para confiar e o aprendizado para tocar o animal apropriadamente.

Para Chagas et al (2009, p. 2), a utilização de animais promove nos pacientes, nos indivíduos que deste processo usufruem, experiências que possibilitam a reorganização do comportamento ocupacional das pessoas, por exemplo, de busca de forças para recuperarem-se ante os males que os afligem e assim “conseguirem alcançar os máximos níveis possíveis de saúde e bem-estar”.

Destaca-se então que o animal está realmente envolvido nos tratamentos estipulados, e que sua contribuição é importante, como co-participante de todo o processo, conforme os estudos empreendidos

### **3.4 Experiências recompensadoras na AAA/TAA**

Diversas experiências têm demonstrado o acerto da participação de animais em programas como os aqui descritos.

A participação dos animais tem se projetado bastante, a partir da constatação de que contribuem com a saúde de pacientes, com a qualidade de vida das pessoas, e, desta forma, suas contribuições e procedimentos, relatados, fornecem subsídios a estudiosos e a criatividade dos profissionais consegue empreender novas visões destinadas a beneficiar mais pessoas.

Dotti (2005, p. 81) destaca:

[...] os participantes dos programas da AAA/TAA aprendem a conhecer melhor ainda os animais, o seu potencial, o quanto têm afinidade com as pessoas e contribuem com o seu bem-estar. Assim, os participantes, voluntários ou profissionais da saúde, passam a reconhecer neles não mais só o título de animal de estimação, mas muito mais que isso, pois tornam-se, para os que assistem a sua contribuição, seres vivos que têm grande poder positivo na saúde deles mesmos e outras pessoas. São seres que podem gerar comportamentos sociais positivos e podem mudar tantos outros.

Chagas et al (2009, p. 2) assinalam que a utilização de processos baseados em AAA e TAA permitem, ao indivíduo, a construção de um novo cotidiano, “superando os limites da institucionalização, por meio das oportunidades que lhe são oferecidas”. Com o tratamento utilizando o animal, os pacientes, em sua maioria pessoas carentes pelo próprio estado em que se encontram, quaisquer que sejam suas denominações, conseguem a oportunidade de se recuperar, pelos efeitos benéficos que os animais proporcionam

.Para Dotti (2005, p. 81), “os animais parecem fornecer uma contribuição especial e única ao ambiente institucional, contribuição essa que reduz as inibições ocorridas no contato social entre os homens e em menor grau entre as mulheres”.

As pessoas sempre acreditam que os animais realçam a vida do ser humano e o tornam melhor, e que esta interação pode promover a saúde e a cura, conforme Becker (2003).

Desta forma, todo o conhecimento passado por gerações promovendo o conhecimento do homem sobre o animal e seu envolvimento afetivo, e vice-versa, se agiganta e pode sempre promover mais melhorias, sempre salutares no envolvimento de todos os seres vivos, o que infelizmente não sucede muito, e não nos termos extremamente benéficos do que acontece com programas como a AAA/TAA.

## **4 A TAA COM ÊNFASE À CINOTERAPIA E EQUOTERAPIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES A PSICOLOGIA**

Entre as principais terapias empregadas na TAA estão a equoterapia, realizada com eqüinos, e a cinoterapia, praticada com a espécie canina. Ambas têm possibilitado um grande número de estudos a partir de sua prática, pelos resultados positivos acontecidos e auxiliado o papel dos profissionais da saúde na recuperação de pacientes, ou ainda, melhorado a qualidade de vida de pessoas com doenças de difícil recuperação, assim como de crianças e adolescentes com problemas comportamentais e sociais.

Escolhem-se estas duas modalidades de terapia por serem as que mais têm escritos e experiências na atualidade.

### **4.1 A Equoterapia**

A palavra Equoterapia possui seu conceito definido através da Associação Nacional de Equoterapia - ANDE/BRASIL, sendo advinda do latim, em que “EQUO”, significa cavalo e “TERAPIA” vem do grego Therapia, parcela da área da medicina que trata da aplicação de conhecimentos técnico-científicos no campo da reabilitação e reeducação (DOTTI, 2005).

Além disso, há registros que datam de 458-370 a.C., que descrevem os benefícios atribuídos a equoterapia; no entanto, essa prática só foi difundida no Brasil e em outros países a partir da década de 1980 (DOTTI, 2005).

Corroborando com a afirmativa relacionada aos benefícios, Neves e Malta (2002, p. 57) destacam:

A equoterapia tem como base fundamental o uso do cavalo como instrumento cinesioterapêutico, promovendo o desenvolvimento global de quem o utiliza, porque favorece o acesso a estímulos senso-perceptivos, além de toda relação envolvida no processo, tanto com o animal quanto com os profissionais da equipe.

Nesta forma de terapia, é importante considerar todos os aspectos envolvidos na relação pessoa e animal, não somente as estimulações, a elevação psicomotora e motora que o cavalo auxilia. Na realidade o próprio animal, por se tratar de uma presença viva, traz à tona sentimentos e emoções de uma forma afetiva e concreta, exaltando-se o medo, a serenidade, raiva e a tristeza. Estas particularidades auxiliam para que haja uma facilitação na intervenção terapêutica. (MASIERO, 2004).

Por se tratar do cavalo, em relação ao seu tamanho, ele é capaz de desenvolver simultaneamente os papéis de um terapeuta, um educador e um motivador, pois promove a aceitação de regras de segurança e disciplina, impondo respeito e limites, sem envolver-se emocionalmente. (GIMENES; ANDRADE, 2004).

No entanto, cabe ressaltar o cuidado que deve ser aplicado ao animal selecionado, tendo este, o treinamento necessário e um profissional qualificado para a prática que possa utilizá-lo de forma satisfatória sabendo conduzi-lo e resolvendo algumas situações adversas que podem aparecer, pois o cavalo não pode ser avaliado apenas como um objeto ou instrumento, mas como um ser vivo, que possui reflexos, comportamentos e necessidades como qualquer outro. (ROSA, 2002).

Deste modo, Dotti (2005, p. 180) relata que:

Os programas de equoterapia têm formatos para deficiências e problemas de desenvolvimento dos mais diversos tipos de comprometimentos, como paralisia cerebral, problemas neurológicos, ortopédicos, posturais; comprometimentos mentais, como a Síndrome de Down, comprometimentos sociais, tais como: distúrbios de comportamento, autismo, esquizofrenia, psicoses; comprometimentos emocionais, deficiência visual, deficiência auditiva, problemas escolares, tais como distúrbio de atenção, percepção, fala, linguagem, hiperatividade, e pessoas "saudáveis" que tenham problemas de posturas, insônia, stress.

O que se destaca da equoterapia com relação à Psicologia, é que ela leva em consideração questões externas, como o espaço físico, o cavalo, as atividades pré-programadas, os terapeutas e as pessoas que acompanham o praticante. Sendo assim, esta terapia não pode ser considerada como pertencente ao estilo "clássico". (GIMENES; ANDRADE, 2004).

Gimenes e Andrade (2004, p. 8) assinalam que, em relação ao comportamento, pela utilização da Equoterapia, foi observado "um progresso nos aspectos da comunicação, timidez, medo, limites, disciplina e a responsabilidade,

por meio de outras atividades e jogos, além do contato e manuseio do animal, durante toda a sessão.”



**Figura 4. A equoterapia com portadores de síndrome de Down.**  
Fonte: LERMONTOV, 2009.

Assim sendo, diante dos fatos e benefícios comprovados da Equoterapia, esta terapia foi reconhecida no Brasil, pelo Conselho Federal de Medicina desde os anos 90, e, de acordo com a legislação brasileira, conforme a Lei 5.499/1995, aprovada pelo Senado Federal, podendo ser utilizada também pelo Sistema Único de Saúde (SUS) (CIRILLO, 1998).

Com esta formulação, muita aceitação vem tendo a Equoterapia no Brasil, havendo diversas iniciativas exitosas, com muita difusão de excelentes resultados, no âmbito da AAA e da TAA, apesar de suas características especiais de envolvimento dos pacientes e dos animais.

#### **4.1.1 Contribuições da Equoterapia à Psicologia**

A Equoterapia, como comentado, está contribuindo, nos últimos anos, de forma exponencial para a Psicologia, porque as experiências descritas quando de sua utilização resultaram em benefícios nesta área aos pacientes, aos que dela se oportunizaram.



Como método terapêutico, mesmo diferenciado e ainda pouco noticiado, é necessário que seja mais conhecido e esclarecido àqueles que podem usufruir dos seus benefícios.

Gimenes e Andrade (2004, p. 6) assinalam, sobre os benefícios que a Equoterapia pode acarretar:

A grande importância em utilizar o animal como instrumento terapêutico provém do movimento que o passo do cavalo transmite ao praticante: ritmado, repetitivo e simétrico. Esse movimento tridimensional, produz um deslocamento da pelve do praticante, parecido ao que uma pessoa realiza ao andar, proporcionando a conscientização corporal do portador de dificuldade, incentivando a aprendizagem ou reaprendizagem da marcha. Além da habilitação e reabilitação motora, a interação com o animal, possibilita ao praticante trabalhar aspectos psicológicos como a afetividade, autoconfiança, auto-estima, senso de limites, socialização, segurança, autonomia, responsabilidade, dificuldades de aprendizagem. Nesse sentido, o cavalo permite desenvolver atividades motoras, psicomotoras, afetivas, cognitivas, possibilitando, assim, a reintegração do praticante na sociedade.

Desta forma, considera-se que a equoterapia contribui com o trabalho do psicólogo e de outros profissionais da área da saúde, por possuir esta capacidade de auxiliar o paciente em questões sociais como, diminuir a agressividade, ajudar e deixar ser ajudado, desenvolver a auto estima, estabelecer amizades, saber viver e se adaptar a diferentes grupos, aceitar suas limitações e do mesmo modo as provenientes de outros (CHIEPPA, 2002).

Deste modo, a utilização de um cavalo, com a Equoterapia, permite à Psicologia trabalhar no âmbito afetivo, da liberdade, da autonomia, além do ganho físico, uma vez que a locomoção é essencial. (FREIRE, 1999).

Importante salientar que assim como todos os ramos profissionais que tratam de buscar a saúde e o bem-estar do indivíduo, os psicólogos buscam cada vez mais, pesquisando incessantemente, ampliar os horizontes de sua área em termos terapêuticos.

Gimenes e Andrade (2004, p. 7) ainda destacam:

Para o psicólogo, é de extrema importância aumentar a diversidade de recursos terapêuticos, pois, por meio destes, criam-se condições para o crescimento e para a vida. A intenção de implantar a Equoterapia nos últimos anos procura revelar os resultados a partir do ponto de vista psicológico, mostrando assim, mais uma modalidade de trabalho para o profissional de Psicologia.

A Equoterapia busca, de forma interdisciplinar, ou seja, com o trabalho de vários profissionais da área de saúde, desde o psicólogo, o médico, o enfermeiro, o

assistente social, reabilitar um paciente, uma pessoa necessitada deste auxílio. Forma-se uma relação terapêutica entre estes profissionais, atuando em conjunto e com o paciente. Isto afirma uma parceria que se preocupa com a saúde, a qualidade de vida, o bem-estar daquele que está se utilizando da equoterapia, como um reforço às várias áreas, para a recuperação do paciente.

Para Gimenes e Andrade (2004) o processo de recuperação de uma pessoa através da Equoterapia, para a Psicologia, é material rico de pesquisa e das sensações envolvidas, porque se apreende que a pessoa consegue equilibrar-se emocionalmente, recuperar sua auto estima, recompor-se socialmente, com o auxílio ou intervenção de um animal, proporcionando, ao profissional, condições de ampliar os resultados terapêuticos que se buscavam.

Para a Psicologia, a utilização da Equoterapia permite, através do sentimento lúdico de interagir com o animal, brincando, conversando com este, que o praticante e ainda sua família se beneficiem, já que o profissional psicólogo os acompanha. Faz com que se motivem e criem condições para a recuperação emocional, social, da saúde, da qualidade de vida do paciente, do indivíduo, na solução dos conflitos e de situações diversas que o impeliam antes ao descontrole e a necessidade de terapêutica psicológica.

## **4.2 A Cinoterapia**

O cão é o animal mais utilizado na AAA/TAA, pois é facilmente adestrado, sendo suas espécies sociáveis e que buscam interagir espontaneamente; os cães criam respostas positivas ao toque e as pessoas se afeiçoam a eles com facilidade, sendo difícil a não aceitação, por parte das pessoas, deste contato com os animais, pois esta afeição aproxima as pessoas dos animais e o processo funciona como um elo entre pessoa e animal. Essa relação já existe há milhares de anos (OLIVEIRA, 2006; PERREIRA et al, 2007; DOTTI, 2005).

Essa terapia com animais como o cão, trabalha com aspectos psicológico educacionais, ajudando no desempenho escolar e na redução de agressividade. Quanto aos aspectos psiquiátricos ajuda na prevenção da depressão e ansiedade. Em idosos, os médicos observam em casos de doenças crônicas e neuromusculares

uma sensível ajuda na reabilitação motora e outros (CARVALHO; MEDEIROS, 2008).

Dotti (2005, p. 86) explica que os idosos conseguem melhorar a partir deste contato com animais, principalmente se forem mantidos contatos sistemáticos com o animal que já possuem, quando em tratamento:

Idosos em algumas instituições podem levar seu animal consigo, há locais apropriados quando se está em uma ala, e quando o idoso tem seu próprio quarto ou casa em condomínios para idosos. Já existe muita perda na vida dos idosos, quando perdem o contato com seu animal, por terem de ir para uma instituição, a dor da solidão e a depressão são duas vezes maiores. A separação pode causar muitos danos nos idosos e gerar uma situação traumática.

No caso da utilização dos cães em hospitais, esta ajuda a diminuir a solidão, melhora a comunicação, fortalece a autoconfiança reduzindo a necessidade de medicamentos, melhora os sinais vitais e a qualidade de vida dentro do hospital (CARVALHO; MEDEIROS, 2008).

Pode-se citar ainda a importância dos cães no tratamento de alguns pacientes com problemas cardíacos, depressão, câncer, mal de Alzheimer, esquizofrenia, autismo, síndrome de Down e crianças submetidas a violência doméstica.

Monteiro (2009, p. 1), citando Becker (2003), destaca a importância do cão, sobre estes benefícios:

A Terapia Assistida por Animais é uma técnica utilizada por profissionais de saúde, que têm objetivos terapêuticos específicos e que utilizam animais como ferramenta para o tratamento da saúde física, mental ou social de seus pacientes. O resultado terapêutico em diversas doenças e situações, tais como o autismo, a síndrome de Down e a doença de Alzheimer se dá em consequência de efeitos sobre os aspectos emocionais e sociais do paciente, pois estes são espontâneos e geralmente inesperados, podendo, em alguns casos, gerar resultados somente com a presença do animal. Os animais de estimação diminuem o estresse, baixando a frequência cardíaca, a pressão arterial e o colesterol do ser humano. [...]. Os animais favorecem a aproximação entre as pessoas, focando um assunto que não seja a doença, e assim, combatem a depressão e o isolamento. **São capazes também de estimular o exercício físico, no caso dos cães**, o que é de grande importância na recuperação da maioria das doenças. Os animais de estimação também possuem um forte efeito ansiolítico, aumentando o limiar da dor.

Por esses motivos, procura-se difundir a terapia com animais. No caso específico, a do cão, quando pode ser benéfica para muitas pessoas em diferentes

situações da vida, visto este ser um animal de enorme aceitação entre pacientes das mais variadas idades.

Dotti (2005, p. 81) com respeito à cognição ao conhecimento, considera que é necessário que os participantes da AAA/TAA conheçam muito sobre animais, desde o proprietário e colaborador, até os profissionais da saúde, para que se consiga extrair deles o melhor, em função do paciente. Assim, é necessário conhecer:

- Nomes, características e história das raças ou espécies;
- informações sobre como cuidar dos animais;
- leituras diversas sobre o animal;
- recordação sobre histórias de animais;
- aprender sobre os utensílios e nome dos objetos relativos ao animal;
- aprender os nomes dos alimentos para o animal;
- lembrar dos nomes das partes do corpo do animal e o nome do próprio animal;
- tipo e cor do animal (p. 80-81).

Desta forma, o animal sendo bem conhecido, pode ser utilizado em todo o seu potencial e os resultados serem os melhores possíveis.

A Cinoterapia tem trazido uma série de benefícios aos pacientes, e atualmente vem sendo utilizada para promover melhorias na saúde, no bem-estar e na qualidade de vida, nas mais diversas manifestações destas áreas, no tocante ao ser humano.

São inúmeros os benefícios proporcionados a partir da AAA/TAA, com cães, sendo que tal processo de terapia e assistência pode se estender a qualquer classe de pessoas.

Entre os benefícios físicos estão: exercícios e estímulos variados relativos à mobilidade; estabilização da pressão arterial e reações químicas positivas; bem-estar; afastamento do estado de dor; e encorajamento das funções da fala e das funções físicas (ABREU et al, 2008).

Conta-se como evidenciados, entre os benefícios mentais, os caracterizados desta forma: estímulo à memória da pessoa levando em conta as diversas observações relativas à sua própria vida e dos animais que ela tem contato; e exercícios de cognição por meio de material usual do animal, da alimentação e de higiene (CARVALHO; MEDEIROS, 2008).

Entre outros benefícios sociais estão: recreação, diversão e alívio do tédio do cotidiano, afastando o isolamento; oportunidade de comunicação e sentido de

convivência; possibilidade de troca de informações e de ser ouvido; e sentimento de segurança, socialização e motivação (DOTTI, 2005).

No caso dos benefícios emocionais estão: amor incondicional e atenção; espontaneidade das emoções; redução da solidão; diminuição da ansiedade; relaxamento; alegria; reconhecimento de valor e troca de afeto. (CARVALHO; MEDEIROS, 2008).

O amor incondicional e atenção, espontaneidade das emoções, redução da solidão, diminuição da ansiedade, relaxamento, alegria, reconhecimento de valor, troca de afeto, são alguns desses benefícios emocionais decorrentes da convivência com o cão. (OLIVEIRA, 2007).

Berzins e Fuchs (2008) citam algumas vantagens do convívio com animais de estimação como o cão como alívio em situações de tensão, disponibilidade ininterrupta de afeto, maior tendência a sorrir, companhia constante, amizade incondicional, contato físico, proteção e segurança, estimulando a pessoa a ter o que fazer e no que pensar enquanto está com o animal. Além dos efeitos psicológicos, os animais também podem trazer benefícios fisiológicos para as pessoas.

Constata-se que, quando as pessoas, as crianças mais exatamente, interagem com os seus animais de estimação, ou que, quando doentes, as coloquem em contato com estes animais, no caso específico dos cães, falando com eles, acariciando-os, recebendo demonstrações de afeto, há diminuição da frequência cardíaca e pressão arterial, atingindo esta última, incidência médica, valores menores que os observados em pessoas na situação de repouso (VACCARI; ALMEIDA, 2007).

Para Kawakami (2002, p. 12-13), entre técnicas que podem causar benefícios aos que recebem assistência ou terapia com a utilização de animais, encontram-se as seguintes, em forma de recomendações:

[...] dar nomes aos filhotes ou chamar os animais pelo nome são excelentes exercícios fonoaudiológicos a pacientes que possuem dificuldade de falar. Aqueles que não falam são estimulados a produzir expressões vocais; Fazer o paciente acariciar, pentear e jogar bola para o cão é um ótimo exercício de coordenação de movimentos, além de ajudar a controlar o estresse, diminuir a pressão arterial e reduzir os riscos de problemas cardíacos. [...]. Diminui a percepção da dor e a ansiedade; Constatou-se que os pacientes que cuidavam de animais gastavam 16% a menos de medicamentos e saíam dois dias antes dos hospitais do que os doentes que não mantinham contato com os bichos. [...] O contato com animais aumenta as células de defesa e deixa o organismo mais tolerante a bactérias e

ácaros, diminuindo a probabilidade das pessoas desenvolverem alergias e problemas respiratórios. [...] O estímulo do animal faz com que aumente o nível de endorfina, ajudando a minimizar os efeitos da depressão. [...] Diminui a solidão e a inibição dos pacientes melhorando consideravelmente o comportamento social; Ajuda a descontrair o clima pesado de um ambiente hospitalar; Aumenta o desejo de lutar pela vida; Melhora as relações interpessoais; e finalmente, mas não menos importante; O animal facilita e nutre a comunicação entre o profissional e o paciente (KAWAKAMI, 2002, p. 12-13)

Os animais podem agir como poderosos catalisadores sociais, facilitando o contato social. Este efeito é igual em diversas localidades e com animais e donos diferentes na aparência (McNICHOLAS; COLLINS, 2000).

A presença de um animal em uma residência fomenta a idéia da companhia, de um amigo, de alguém com quem interagir, e para muitas pessoas pode ser um dos poucos momentos em que consegue comunicar-se ou tratar bem algum ser vivo, fruto de doença, de solidão, de problemas sociais ou comportamentais.

Deriva daí a importância que um animal pode provocar em um ser humano, quando doente, com problemas de saúde, em relação a benefícios, e assim a intervenção de um animal torna-se um excelente agente para provocar nesta pessoa sentimentos de resistência à doença e sensações de bem-estar muito benéficas nestes momentos.

#### **4.2.1 Benefícios da Cinoterapia para as crianças**

Conforme Oliveira (2007, p. 10), os benefícios com a cinoterapia, para as crianças, principalmente, quando doentes, são enormes:

A cinoterapia é benéfica para crianças que apresentam problemas psicológicos, sociais e pedagógicos. Nesses casos, as crianças sentem-se mais a vontade para relatar suas experiências ao cão, pois elas percebem que o animal é um ser não-crítico e não-julgador. Um médico, Levinson, acidentalmente deixou seu próprio cão, Jingles, sozinho em um quarto com uma criança reservada, quando retornou, percebeu a criança engajada em uma intensa conversa com o cão. Ele determinou que animais poderiam ser úteis durante o processo de avaliação com crianças. Embora haja testes para medir traços de personalidade, QI, e habilidades diversas, é difícil verificar através desses testes psicológicos como uma criança irá interagir com outros. Mesmo se um adulto, como um dos pais, está no recinto durante a avaliação da criança, a criança pode ser induzida a agir de uma maneira diferente, atípica. Tendo um animal presente durante a avaliação

poderia permitir ao terapeuta apreciar o comportamento da criança. De certa forma, o terapeuta poderia observar a criança se expondo mais.

A criança, a partir da afeição que nutre por um animal, e, no caso, o cão, pode encontrar forças para combater o mal que o aflige, as angústias, os problemas sociais.

A interação da criança com o animal algumas vezes leva à expressão de alguns problemas profundamente estabelecidos que não seriam revelados de outras maneiras, especialmente aqueles ligados a família. Reichart (1998 apud GOLDEN, 2004) estudou o valor de animais no tratamento de crianças vítimas de abuso sexual. Salientou a importância da cinoterapia nesse tipo de situação, pois a criança tipicamente se torna fechada e tímida. Usando o animal, o terapeuta podia ajudar à criança a expressar sentimentos e emoções que não foram reveladas a adultos tão prontamente ou com tanta facilidade. Ele sugeriu perguntar a criança em nome do cão, o que tornou o processo da entrevista mais confortável para a criança. Também foi mencionado que o animal poderia atuar como um "alter ego" para o jovem paciente. Em outras palavras o terapeuta poderia informar a criança que o cão facilitador tinha tido uma certa experiência e perguntaria a criança como ela se sentiria depois daquela experiência. Com esse recurso a criança podia expressar seus sentimentos a respeito do abuso que sofrera (OLIVEIRA, 2007, p. 11).

Tem-se, desta forma, uma expectativa que a simples presença do cão na terapia ajude a aliviar alguma parte da ansiedade tipicamente associada com o processo por parte da criança.

Para Moreno (2009), a criança observa as ações do terapeuta, daqueles que estão lhe prestando assistência médica e social, a forma com que estas pessoas tratam o animal, e sente que vai ser tratada da mesma forma, com carinho, com atenção, com gentileza, e começa a reagir favoravelmente ao tratamento.

Oliveira (2007, p. 14) acentua ainda:

Vários estudos têm demonstrado, por exemplo, que a cinoterapia pode ser usada em crianças com autismo para ajudá-las a interagir com outras pessoas. Becker (2003) relata em seu livro um estudo conduzido na Universidade Estadual de Washington que demonstrou que os cães podem chamar a atenção das crianças autistas. Foram realizadas gravações em vídeo de três condições com as crianças: um terapeuta com uma bola, outro com um animal de pelúcia e o último com um cão. Foram 45 sessões em 15 semanas. Foi observado que as crianças olhavam o cão e conversavam com ele por maior período de tempo do que com as outras duas situações.

Para a autora, existem diversos benefícios inclusive com crianças com necessidades especiais, e problemas que a terapia convencional não conseguiu recuperar, foram condignamente, resolvidas quando da utilização de cinoterapia, como o ora relatado:

No caso pesquisado, a cinoterapia foi capaz de provocar respostas em crianças com necessidades especiais que a terapia convencional não provocou. Em um artigo de Levinson (2003), e para outro caso, o autor destacou que uma vítima que se tornou totalmente isolada socialmente depois do acidente. Não se comunicava com a equipe do hospital, ficava somente em seu quarto. Quando a equipe levava filhotes ela imediatamente se soltava. Os filhotes permitiam a criança ter total controle da aproximação com os outros e de seu afeto. Logo depois da introdução inicial dos filhotes, a jovem garota estava disposta a freqüentar a sala de jogos com outras crianças do hospital e insistiu em sair com o grupo para o zoológico (OLIVEIRA, 2007, p. 14).

Como se evidencia, as crianças quando em contato com animais, como o cão, no momento em que têm problemas emocionais, de saúde ou outras patologias, reagem favoravelmente. O que preconiza que tanto a AAA e a TAA ao utilizar animais estão conseguindo resultados nos tratamentos que fazem e que leva a mais estudos sobre estes benefícios sejam estudados, e com a tendência de aumentarem estes recursos mais ainda nos próximos anos.

#### **4.2.2 Contribuição da Cinoterapia para Idosos**

Nos últimos anos, especialistas e profissionais da saúde, além de superintendentes de casas de repouso têm utilizado a TAA para melhorar a saúde e a auto-estima dos seus clientes e pacientes, com a cinoterapia.

Nascimento (2009, p. 1) assinala que vários projetos têm levado a cinoterapia a asilos e hospitais, para contato com idosos e os resultados têm sido excelentes para os mesmos, em termos de recuperação, principalmente emocional e de bem-estar, relacionados à saúde e motivação para a vida.

Em entrevista com o administrador de empresas e escritor Jerson Dotti, a autora destacou os efeitos que o contato com cães tem sobre o idoso:

Em visitas AAA, são realizadas diversas atividades desde simples conversas sobre o animal, ou do próprio idoso, até passeios com os cães, escovações, brincadeiras. Tratando-se da TAA, muitos exercícios adaptados da fisioterapia convencional, que trazem uma abordagem lúdica e incentivadora, como lançamento de bolinhas, sensibilização das plantas dos pés por meio de massagens nos cães, jogo de memória com os cães, etc (NASCIMENTO, 2009, p. 2).



Chagas et al (2009) assinalam que o contato com os animais provoca nos idosos atitudes mais positivas com relação à depressão, ao estresse, à busca de atividades físicas para acompanhamento dos animais e até melhorias nas deficiências auditivas e visuais, pois os idosos passam a reclamar menos destes problemas e procurando alternativas para terem acesso ao novo parceiro que lhes apresentam os promotores de AAA e TAA.

Nascimento (2009, p. 1) destaca ainda vários outros benefícios que a cinoterapia causa nos idosos:

Os benefícios são: Físicos: ajudam na mobilidade, exercícios e manutenção dos movimentos e produção de substâncias químicas do próprio corpo que geram sensações de prazer e alegria; Emocionais: o animal é o estímulo, para que o assistido se abra para o profissional e possa assim confiar nele e por meio do cão há uma empatia maior com os tratamentos, gerando resultados positivos quanto o equilíbrio emocional; e Mentais: no caso, o cão é o fator gerador para lembranças passadas e recentes e pode incentivar o assistido a vir para a realidade e, como resultado, socializar-se e receber ajuda.

Dotti (2005) comenta que idealizou, em São Paulo, um Projeto denominado “Cão do Idoso”, em que há manifestações de AAA e TAA em asilos, e que os resultados têm sido excelentes no tocante à recuperação da autoestima, da motivação, de melhoria, inclusive de saúde, no idoso, quando em contato com um cão. Sugere que deveria ser estendido a outros estados, pelo êxito em sua proposta e realização, neste tipo de trabalho para os assistidos, e que é uma ajuda emocional e social.

Nota-se, nos comentários dos autores, que a utilização da cinoterapia tem se mostrado exitosa e que deveria ser uma proposta de melhoria de vida a ser difundida com mais propriedade, principalmente nesta região. Iniciativas têm sido divulgadas, ainda de uma forma tímida, já que os resultados ainda estão sob estudo de sua eficácia.

### 4.2.3 Contribuições da Cinoterapia à Psicologia

A cinoterapia pode produzir excelentes resultados para pessoas com problemas psicológicos, e ao qual um tratamento convencional não possa contribuir da melhor forma.

Os cães no caso específico de autistas, conforme Oliveira (2007), providenciam ao paciente senso de autonomia e valor próprio, onde este observou como crianças passaram a se perceber melhor, considerando-se esta relação útil e benéfica. Nos autistas, a cinoterapia proporciona, neste contexto, melhora na capacidade de comunicação e na sensibilidade, embora muitos desses pacientes não falem e tenham aversão ao toque.

Dotti (2005) também destaca que a cinoterapia é benéfica igualmente no plano educacional, para as crianças e adolescentes, e uma apoiadora dos psicólogos nesta atividade.

Oliveira (2007, p. 16) considera este fato, com a utilização do cão como suporte emocional, um grande benefício para a criança e o adolescente, principalmente aqueles que sofrem os mais diversos problemas de cunho psicológico, e que afetam sua saúde e o cenário educacional:

No ambiente escolar, crianças são mais prováveis de se abrir a um orientador pedagógico quando o cão está presente, ou até mesmo se a criança sabe que ele possui um cão. Este pode até mesmo quebrar o gelo entre professores e crianças em uma situação desconfortável. Os cães podem servir como uma ponte para o desenvolvimento intelectual de uma criança. Há programas nos quais as crianças lêem para o cão. As experiências comprovaram que as crianças não tinham preocupação em ler em voz alta para o cão, visto que este não poderia censurá-las nem corrigi-las. Assim o aprendizado através dos animais pode contribuir para a formação e o aperfeiçoamento, preparando os alunos para que sejam mais preocupados e conscientes com as atitudes de respeito, responsabilidade e preservação à vida de todos os seres vivos e meio ambiente.

No tocante a este tipo de tratamento, Oliveira (2007), em seus estudos, afirma que os mestres, quando recebiam cães nas escolas, na presença dos educandos, estes ficavam mais tranquilos, mais participantes, por causa da participação dos animais. Os alunos com dificuldades de aprendizagem ficavam mais atentos e com respostas ao ensino mais rápidas que anteriormente, com mudanças também no comportamento para aqueles com maiores problemas sociais e psicológicos.

Denotou-se, a partir deste convívio com animais, e enfatizando a cinoterapia, que a criança, com este contato, com esta aproximação com o animal, melhora sua qualidade de vida, reduz seu estresse e consegue aumentar sua auto-estima, reduzindo os casos de timidez, e provocando nesta criança uma maior participação afetiva com os companheiros e com as pessoas mais próximas.

Este tipo de envolvimento beneficia ainda a pessoa idosa, nos mesmos moldes de apoio, assim como a pessoa emocionalmente instável ou com doenças raras.

Entende-se, assim, que o convívio com os cães, na cinoterapia, é salutar e provoca melhoria nos pacientes, nos que necessitam de apoio médico especializado, com vários benefícios para sua inserção social, emocional, física, o que certamente facilita e contribui para os estudos da Psicologia, em relação a aspectos como cognitivo, social, emocional e afetivo.

## 5 CONCLUSÃO

Esta pesquisa procurou compreender quais as contribuições que a TAA traz para a Psicologia.

Durante a elaboração da pesquisa viu-se certa dificuldade no tocante aos livros ou mesmo artigos aprofundados que tratassem do tema, visto esta ser ainda uma área emergente no meio acadêmico.

Mesmo assim, a partir de pesquisa sobre diversos textos, pode-se estruturar o trabalho, que possibilitou à pesquisadora responder à pergunta norteadora do estudo, quanto à compreensão da utilização de animais como possibilidade de melhorias na área da saúde, principalmente em relação ao emocional e ao psicológico.

Há comentários, nos artigos e livros pesquisados, que existem entre o homem e o animal doméstico vínculos afetivos, de amizade, de amor, de responsabilidade e de dependência, que combatem a prostração que uma doença provoca.

Pode-se constatar que a relação com um animal de estimação faz com as pessoas sintam-se melhores, e quando isso é utilizado em um asilo, em um hospital, em um consultório, ou em atividades com pessoas com deficiências motoras ou doenças graves, os resultados são sempre auspiciosos.

Também se constatou, com o estudo, que os animais exercem uma espécie de fascínio sobre as pessoas, que existe afeto e empatia entre elas, e que isto provoca na pessoa com problemas diversos uma sensação de bem-estar antes não existente.

Na pesquisa encontraram-se resultados interessantes neste contato com animais por parte de doentes, que melhoraram sua condição física, seu humor, a frequência cardíaca, a sua pressão arterial, a sua vontade de viver mais, como assinala Oliveira (2007).

Desta forma, o relacionamento do ser humano com um animal provoca em geral reações positivas, e que podem combater a depressão e o isolamento.

Também se percebeu que a aproximação do animal com a pessoa, gera troca de afeto, o que possibilita em algumas circunstâncias esquecer que está doente.

As pessoas que têm a possibilidade de utilizar-se destas terapias percebem o mundo de forma mais “palpável”, o contato com o animal, traz mais contato consigo mesmo. Isso pode melhorar a sua saúde, a sua vontade de viver mais, de se manter em melhor forma, de haver reações mais favoráveis quando a doença for considerada grave e que é preciso utilizar novas idéias de tratamento para a pessoa.

Dentre os animais que têm este “poder” curativo, cita-se de forma especial os eqüinos e os cães, por serem os mais utilizados em AAA e TAA. Os artigos sobre o tema são unânimes em afirmar que estes animais provocam vínculos especiais com as pessoas e contribuem decisivamente, muitas vezes, para provocar uma melhoria geral na saúde mental, social e física naqueles necessitados, sejam crianças, idosos, portadores de síndromes, educandos.

Para tanto, evidencia-se a importância da AAA e da TAA como beneficiadoras de milhares de pessoas. A importância da interação, da cumplicidade existente entre homem e animal, é evidenciada no estudo, o que demonstra que tais atividades ou terapias devam ser mais difundidas, estudadas e trazidas aos meios acadêmicos.

Aos profissionais de saúde conhecedores da importância dos animais para tratamentos específicos, cabe a tarefa de divulgar resultados, partilhar das emoções, dos êxitos visualizados, para que as pessoas necessitadas possam entender os benefícios decorrentes da AAA e da TAA, quando estas funcionam a contento.

O estudo permitiu ainda uma reflexão sobre a própria vida, pois acaba por conceder ao ser humano uma grande chance de viver com mais fé em si mesmo, com mais integridade e querendo uma vida melhor e mais tempo para usufruí-la, ao modelo e exemplo deste relacionamento com o animal, que sempre é amistoso e benéfico.

Quanto à Psicologia, gostaria de acrescentar, em uma posição pessoal, ao final deste, que os animais são parceiros imprescindíveis e preciosos, muito tendo a ensinar a todos sobre a arte da empatia e em como estabelecer melhores relações entre as pessoas e com o mundo, pois tudo têm a dar, mesmo sem receber muito do homem, comumente um explorador dos seres vivos.

Somente nota-se a capacidade de retribuição ao animal quando se prova do sabor amargo da frustração física e psicológica, comportamental e social, e

muitas vezes, é necessário que o animal cumule a pessoa do carinho que não lhes é disponibilizado. Por isso a efetividade do estudo para a Psicologia funciona como um resgate da disponibilidade do animal para a recuperação da saúde e do bem-estar do ser humano, no sentido de que todos os mecanismos são válidos, profissionais e sentimentais para o progresso da vida e recuperação da auto-estima e da regeneração do prazer de viver.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Camila Costa et al. **Atividade assistida por animais no Lar Augusto Silva**. Lavras/MG: UFLA, 2008. Disponível em: <http://www.proec.ufla.br/conex/ivconex/arquivos/trabalhos/a114.pdf>. Acesso em 27 fev 2010.

ALTHAUSEN, S. **Adolescente com Síndrome de Down e Cães**: compreensão e possibilidades de internação. Dissertação de mestrado - Instituto de Psicologia. São Paulo: USP, 2006.

ANDRADE, Denise Emília de; BRITO, Maria Cristina Guimarães. Denise Emília de Andrade. **As contribuições da equoterapia na educação inclusiva**. São Paulo: UNIME, 2008. Disponível em: <http://www.equoterapia.org.br/trabalho/18082259.pdf>. Acesso em 13 nov 2009.

Barros, Claudia de T. **Possibilidades de utilização da terapia assistida por animais (TAA) na Terapia Ocupacional**. Trabalho de Conclusão de Curso – TCC. Belo Horizonte, 2008, p.57. Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais – Fundação Educacional Lucas Machado – FELUMA Terapia Ocupacional.

BECKER, Marty; MORTON, Danelle. **O Poder Curativo dos Bichos**. 1a ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 2003.

BERTOLUCCI, T. B.; MARTINS, M. F. **O uso da terapia assistida por animais no cotidiano de idosos institucionalizados**. São Paulo: Enfermagem/UNIFEOP-Zooterapia-FMVZ/USP. Disponível em: <http://www.usp.br/siicusp/Resumos/16Siicusp/985.pd>. Acesso em 21 dez 2009.

BERZINS, Marília A. V. da Silva. **Velhos, cães e gatos**: interpretação de uma relação. Dissertação de Mestrado em Gerontologia. São Paulo: PUC-SP, 2000.

BUSSOTTI, Edna Aparecida et al.. **Assistência individualizada**: “Posso trazer meu cachorro?”. Disponível em: <http://www.ee.usp.br/reeusp/upload/pdf/26.pdf>. Acesso em 17 nov. 2009.

CERVO, Armando Luiz .BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia Científica**. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall,2002.

CHAGAS, José Naum de Mesquita et al. **Terapia Ocupacional e a Utilização da Terapia Assistida por Animais (TAA) em Crianças e Adolescentes**

**Institucionalizados.** 2009. Disponível em: <http://www.crefito6.org.br/novo/images/stories/pdf/Terapia%20Ocupacional%20e%20a%20Utiliza%20da%20Terapia%20Assistida%20por%20Animais.pdf>.

Acesso em 10 fev. 2010.

CHIEPPA, F. **A relação homem-animal.** Uccelli, p. 40-42, nov-dez., 2002. Disponível em: <http://www.ao.com.br/pet.htm>. Acessado em: 2 mai 2010.

CIRILLO, L de C. **Equoterapia, hipoterapia e equitação terapêutica.** Associação Nacional de Equoterapia, Brasília-DF, v. 1, n. 1, p. 7-10, set. 1998.

DOMINGUES, Camila Mantovani; CUNHA, Maria Cláudia. **Terapia fonoaudiológica assistida por cães:** estudo de casos clínicos. São Paulo: PUC, 2008. Disponível em: <http://www.sbfa.org.br/portal/anais2008/resumos/R0493-1.pdf>. Acesso 29 nov. 2009.

DOTTI, Jerson. **Terapia e Animais.** São Paulo: Noética, 2005.

FINE, Aubrey. **The Handbook on Animal Assisted Therapy:** Theoretical Foundations and Guidelines for Practic. San Diego/California: Academic Press, 2000.

FREIRE, H. B. G. **Equoterapia:** teoria e técnica - uma experiência com autistas. São Paulo: Vetor, 1999.

FUCHS, Hannelore. **O Animal em Casa.** Dissertação (Doutorado em Ciências - Psicologia) – Instituto de Psicologia. São Paulo: USP, 1987.

GARCIA, Murilo Pereira; BOTOMÉ, Silvio Paulo. Da Domesticação à Terapia: o Uso de Animais para Fins Terapêuticos. In: **Interação em Psicologia**, v. 12, n. 1 (2008). Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/psicologia/article/view/9676> Acessado em: 12/05/2010

GIMENES, Roberta; ANDRADE, Denise Emilia de. **Implantação de um projeto de equoterapia:** uma visão do trabalho psicológico. 2004. Disponível em: <http://www.equoterapia.com.br/artigos/artigo-15.php> . Acesso em 9 dez. 2009.

GODOY, Anterita Cristina de Sousa; DENZIN, Simone Schneider. **Atividades assistidas por animais:** aspectos revisivos sob um olhar pedagógico. Disponível em: [http://www.fav.br/programasinst/Revistas/revistas2007/veterinaria/Atividades\\_assistidas\\_por\\_animais.pdf](http://www.fav.br/programasinst/Revistas/revistas2007/veterinaria/Atividades_assistidas_por_animais.pdf). Acesso em 17 dez. 2009.



HERNÁNDEZ, A. P. **Terapias alternativas en rehabilitación**. Actualizaciones en enfermería, Colombia, v. 7, n. 4, p. 25-30, 2008. Disponível em: <http://www.encolombia.com/medicina/enfermeria/Enfermeria7404-Terapia.htm>  
Acesso em: 08 fev. 2009.

KASSIS, Amélia; BERZINS, Marília V. da Silva. O amor que fica. **REVISTA KALUNGA**, São Paulo, ano XXX, n. 139, agosto 2002, p. 12-21.

KAWAKAMI, Cintia Hissae; NAKANO, Cyntia Kaori. **Relato de experiência: terapia assistida por animais (TAA) - mais um recurso na comunicação entre paciente e enfermeiro**. Simpósio Brasileiro Comunitário de Enfermagem, ano 8, mai 2002. Disponível em: [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000052002000100009&script=sci\\_arttext](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000052002000100009&script=sci_arttext). Acesso em 11 mar 2010.

KOBAYASHI, Cássia Tiemi et al. **Desenvolvimento e implantação de Terapia Assistida por Animais em hospital universitário**. São Paulo: UFSP, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v62n4/24.pdf>. Acesso em 10 fev 2010.

LAMPERT, Camila R. **Terapia assistida por animais**. Contribuição à Psicologia. Disponível em: [http://terapiaeanimais.blogspot.com/2009\\_08\\_09\\_archive.html](http://terapiaeanimais.blogspot.com/2009_08_09_archive.html). Acesso em 11 jun. 2010.

LANTZMAN, M. **O Cão e Sua Família: temas de amor e agressividade**. Tese para obtenção do título de Doutorado. São Paulo: Pontifícia Universidade de São Paulo, 2004.

LEAL, Gláucia; NATALIE, Káthia. **Afeto que cura..** 2007. Disponível em: [www.fag.edu.br/graduacao/fisioterapia/arquivos/afetoquecura.pdf](http://www.fag.edu.br/graduacao/fisioterapia/arquivos/afetoquecura.pdf) . Acesso em 6 jun. 2010.

LEVINE, M. Investigating the origins of horse domestication. **Equine Veterinary Journal Supplement**, v. 28, 1999, p.6-14.

LERMONTOV, Tatiana. **Equoterapia**. 2009. Disponível em: <http://www.saudevidaonline.com.br/artigo74.htm>. Acesso em 23 dez. 2009.

LUCIANO, Fábila Liliã. **Metodologia Científica e da Pesquisa**. Criciúma: ed. do autor, 2006.

MACHADO, Juliane de Abreu Campos; ROCHA, Jessé Ribeiro; SANTOS, Luana Maria. Terapia assistida por animais (TAA). **Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária**, FAMED/FAEF, Garça/SP, ano VI, n. 10, jan. 2008. Disponível em: <http://www.revista.inf.br/veterinaria10/revisao/edic-vi-n10-RL86.pdf>. Acesso em 3 mar 2010.

MANNUCCI, A. Fazendo amigos. In: **Revista Viver Mente & Cérebro**, 2005 Disponível em: [www.uol.com.br/vivermente/conteudo/materia/materia\\_32.html](http://www.uol.com.br/vivermente/conteudo/materia/materia_32.html) Acessado em: 20/052010

MASIERO, C. Apostila do XI Curso Básico de Equoterapia. **EQUOLIBER**, São Paulo, n. 4, abr. 2004, p. 121-125.

McNICHOLAS, J; COLLIS, GM. **Dogs as catalysts for social interactions: robustness of the effect.** **Br. J. Psychol**, n. 91, p. 61-70, feb. 2000.

MEDEIROS, Ana Julia Sichioli de; CARVALHO, Silvana Denofre. **Terapia Assistida por Animais a crianças hospitalizadas.** Campinas: UNICAMP, 2008. Disponível em: <http://www.usp.br/siicusp/Resumos/16Siicusp/2491.pdf>. Acesso em 3 mar. 2010.

MEDEIROS, A. J. S. ; Carvalho, Silvana Denofre . **Terapia Assistida por Animais a crianças hospitalizadas.** In: XVI Congresso Interno de Iniciação Científica da Unicamp, 2008, Campinas.

MONTEIRO, Alexandre Magno Frota. **O uso da terapia assistida por animais para a redução de alterações de comportamento na doença de Alzheimer.** 2009. Disponível em: <http://www.centronati.com/o-uso-da-terapia-assistida-por-animais-para-a-reducao-de-alteracoes-de-comportamento-na-doenca-de-alzheimer>. Acesso em 11 jun 2010.

MORENO, Vanessa. **Terapia com Animais.** 2009. Disponível em: [http://hist7alfandega.blogspot.com/2008\\_10\\_01\\_archive.html](http://hist7alfandega.blogspot.com/2008_10_01_archive.html). Acesso em 16 fev. 2010.

NASCIMENTO, Angélica. **Os melhores amigos.** O Projeto Cão do Idoso. 2009. Disponível em: <http://portaldovoluntario.org.br/blogs/54354/posts/1439> . Acesso em 11 jun. 2010.

NUNES, João. **Uma civilização do grande rio: o Egito.** 2008. Disponível em: [http://hist7alfandega.blogspot.com/2008\\_10\\_01\\_archive.html](http://hist7alfandega.blogspot.com/2008_10_01_archive.html). Acesso em 11 fev. 2010.

NEVES, A.P.deM.; MALTA, S C.L **Aspectos progmáticos do perfil comunicativo de portadores de necessidades especiais submetidos à equoterapia.** In: CONGRESSO BASILEIRO DE EQUOTERAPIA, 2, 2002. Jaguariúna. Anis... Brasília; ANDE-Brasil, 2002. P.57-67.

OLIVEIRA, Glaucielle Nunes de. **Cinoterapia: benefícios de interação entre crianças e cães.** 2007. Disponível em: <http://www.redepsi.com.br/portal/modules/smartsection/item.php?itemid=524>. Acesso em 18 nov 2009.

\_\_\_\_\_. **Os benefícios da terapia assistida por animais.**2006. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=84201407>. Acesso em 11 jan. 2010.

PEREIRA, Mara Julia Fragoso; PEREIRA, Luzinete; FERREIRA, Maurício Lamano. **Os Benefícios da Terapia Assistida dos Animais.** Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/842/84201407.pdf>. Acesso em 11 dez. 2009.

PEREIRA, Mara Julia Fragoso; PEREIRA, Luzinete; FERREIRA, Maurício Lamano. **Os Benefícios da Terapia Assistida dos Animais: uma revisão bibliográfica.** Editorial Bolina SP, Brasil p. 62-66. 2007

PEREIRA, Mário César da Silva; PEDROSO, Ana Maria Medeiros. **Terapia assistida por cães em pacientes com doença de Alzheimer.** Guarapuava: UNICENTRO – Universidade do Centro do Paraná, 2009. Disponível em: <http://geracoes.org.br/arquivos dados/foto alta/arquivo 1 id-166.pdf>. Acesso em: 04. mar. 2010.

PRIANTI, Sônia Maria; CABANAS, Ana. **A psicomotricidade utilizando a terapia assistida por animais como recurso em adolescente Down: um estudo de caso.** Disponível em: [http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC\\_2007/trabalhos/saude/epg/EPG00136\\_01C.pdf](http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2007/trabalhos/saude/epg/EPG00136_01C.pdf). Acesso 4 dez 2009.

RIBEIRO, Amauri Solon. **Reflexões sobre uma experiência psicoterapêutica de base psicanalítica na equoterapia.** II Congresso Brasileiro de Equoterapia, ANDE- Associação Nacional de Equoterapia-Brasil, 14-16 nov. 2002. Disponível em: <http://www.equoterapia.org.br/trabalho/21082243.pdf>. Acesso em 22 mar 2010.

RIBEIRO, Vinicius Fava; GUEDES, Claudinéa Yamashiro. **Fisioterapia assistida por animais em idosos institucionalizados.** São Paulo: OBIHACC – Projeto Cão

do Idoso, 2008. Disponível em: [http://www.animaisterapeutas.com.br/docs/Fisioterapia assistida por Animais em Idosos Institucionalizados REV.pdf](http://www.animaisterapeutas.com.br/docs/Fisioterapia_assistida_por_Animais_em_Idosos_Institucionalizados_REV.pdf). Acesso em 14 jan. 2010.

ROSA, L. R. Reflexões sobre a complexidade equoterápica. Revista da Associação Nacional de Equoterapia, Brasília, ano 5, n. 6, dez. 2002, p. 22-27.

SCHUBERT, Renê. **Equoterapia com crianças agitadas**. Terapias complementares no Campo Psi. 2009. TerapiaPsi. Disponível em: <http://www.redepsi.com.br/portal/modules/smartsection/item.php?itemid=1465>. Acesso em 19 mar 2010.

SILVEIRA, N. **Imagens do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Alhambra, 1982.

\_\_\_\_\_. **O Mundo das Imagens**. São Paulo: Ática, 1992

STARLING, Aline; THOMAS, Márcia; GUIDI, Marcelo. **o significado do animal de estimação na família**. 2005. Disponível em: <http://culturapsi.vilabol.uol.com.br/animal.htm> . Acesso em 11 dez. 2009.

STORER, Marcia Regina de Sousa et al. **Contribuições da equoterapia na atuação psicopedagógica**. Disponível em: [http://www.sld.cu/galerias/pdf/sitios/rehabilitacion-equino/contribuciones\\_da\\_equoterapia\\_na\\_atuacao.pdf](http://www.sld.cu/galerias/pdf/sitios/rehabilitacion-equino/contribuciones_da_equoterapia_na_atuacao.pdf). Acesso em: 14 dez 2009.

VACCARI, Andreia Maria Heins; ALMEIDA, Fabiane de Amorim. **A importância da visita de animais de estimação na recuperação de crianças hospitalizadas**. São Paulo: Centro de Zootecnia/Veterinária, 2007. Disponível em: [http://apps.einstein.br/revista/arquivos/PDF/419-Einstein-2\\_Online\\_AO419\\_pg111-16.pdf](http://apps.einstein.br/revista/arquivos/PDF/419-Einstein-2_Online_AO419_pg111-16.pdf). Acesso em 13 dez 2009.

VIEIRA, Rogério. **Animais Silvestres**. 2007. Disponível em: [http://hist7alfandega.blogspot.com/2008\\_10\\_01\\_archive.html](http://hist7alfandega.blogspot.com/2008_10_01_archive.html). Acesso em 11 fev. 2010.

VICARIA, Luciana. **A cura pelo bicho**. Revista Época. 04 de agosto de 2003.

**ANEXOS**

## ANEXO 1 - PROJETOS PARA AAA E TAA

Jeson Dotti (2005) descreve uma série de projetos que podem contribuir em AAA e TAA, que podem ser utilizados na melhoria das pessoas, em termos de saúde, bem-estar e qualidade de vida, em todos os programas utilizados por essas organizações, contanto que os animais utilizados sejam saudáveis, e possuíssem um ótimo comportamento, socialização e obediência.

Dessa forma é que esses tipos de programas e projetos podem ser implementados, realçando sempre a necessidade de profissionais da área médica, que devem ser inseridos nos mesmos.

Há uma diversificação de projetos no exterior que propõe uma nova abordagem a diversas causas.

Destacam-se os exemplos a seguir.

I. Programas de voluntários que se reúnem sob uma direção de profissionais, para cuidar de animais de estimação de pessoas que estão doentes dentro ou fora de seus lares. Esses programas em sua grande maioria são desenvolvidos para atender normalmente pessoas idosas, mas também são desenvolvidos para pacientes com aids, câncer ou outras doenças que impossibilitem o cuidado diário de seus animais. Esses voluntários também podem incentivar os doentes a se ocuparem de seus animais, o que ajudará certamente na intervenção médica, pelos benefícios daí advindos no tratamento. Os voluntários podem cuidar dos animais temporariamente ou permanentemente.

II. Idosos em algumas instituições podem levar seu animal consigo, há locais apropriados quando se está em uma ala, e quando o idoso tem seu próprio quarto ou casa em condomínios para idosos. Já existe muita perda na vida dos idosos, quando perdem o contato com seu animal, por terem de ir para uma instituição, a dor da solidão e a depressão são duas vezes maiores. A separação pode causar muitos danos nos idosos e gerar uma situação traumática.

III. As fazendas para muitos tratamentos não são um modelo novo, mas requerem uma boa administração e cooperação dos funcionários e servem como estímulo de educação também para crianças. Há de se notar aspectos positivos e

negativos sobre o tipo de pessoas que manterão contato com os animais, sempre com a supervisão médica. Esse contato natural é em tempo integral. A pessoa hospeda-se durante um tempo nesses locais, para uma recuperação mais rápida, já que contatos freqüentes com os animais proporcionam maior estímulo e socialização.

IV. Animais podem ser usados em escolas para que os coordenadores e profissionais de psicologia possam melhorar sua comunicação com alunos que tenham alguma dificuldade no aprendizado, ou mesmo aqueles socialmente, psicologicamente e fisicamente comprometidos. É um trabalho de ajuda ao estudante, pois, enquanto ele afaga e se distrai com o animal, relaxa e pode aprender com mais facilidade. Aqui no Brasil já existem alguns grupos que vão até as escolas para ensinar a posse responsável. São projetos que educam sobre a forma adequada de tratar o animal, as implicações de ser seu dono e até mesmo a história das raças. Fornecem muitas informações sobre comportamento e necessidade dos animais, além de os alunos iniciarem o aprendizado do respeito em relação à natureza e às diversas outras formas de vida. Facilitam a concentração dos alunos e tornam o ambiente mais adequado para tarefas difíceis, diminuindo a ansiedade e o estresse.

V. O trabalho com presidiários pode alcançar grandes resultados com a introdução da AAA/TAA nos presídios. Os formatos são os mais diversos, desde a formação de instrutores de adestramento, onde os animais podem ser treinados por indivíduos previamente preparados por profissionais, até o cuidado diário com os animais que possam fazer parte dos centros de detenção. As pesquisas mostram que indivíduos que tinham um bom comportamento e foram escolhidos por um perfil mais adequado possível tiveram grandes evoluções. Foi observado que as pessoas em geral, mesmo aquelas que não participavam dos programas, viam nessa atividade um meio de aliviar suas preocupações e tensões. Dessa forma, muitos se esforçavam para participar da seleção pelos exemplos dos colegas. Foram identificados aspectos positivos, como um melhor comportamento dos detentos, que se tornaram menos violentos, mais responsáveis e tiveram um aumento do senso moral. Algumas prisões permitem que os animais visitem seus donos presos ou dão auxílio para que os próprios presos os criem. Os programas podem aumentar a confiança e a auto-estima.

VI. Para a introdução da AAA/TAA em hospitais, hospícios, centros de reabilitação e enfermarias, é necessário que inicialmente seja feito um trabalho de esclarecimento a respeito e exemplificado com estudos e as ações de programas já existentes. Para a autorização do estabelecimento, é imperativo fazer reuniões para apontar os benefícios desses programas, como sentimentos de felicidade, calma, amor, menos solidão, menos estresse, além dos animais serem valiosos para atingir objetivos do tratamento.

VII. Visitas ao zoológico - essa é uma outra abordagem que existe fora do Brasil, com assiduidade e agora, também aqui se faz, como propulsor de bons resultados. Crianças participam de programas especiais, os quais são desenvolvidos com a finalidade de aprendizado e interação com outras formas de vida. O zoológico, além de chamar a atenção para as espécies e sua preservação, pode ser um local de aprendizado e terapia.

VIII. Muitas pessoas podem trabalhar em centros de voluntários ajudando outros a entenderem o que é a AAA/TAA e mesmo a aplicá-la dentro do conceito de implantação. Podem elaborar palestras, dar treinamentos e preparar outras pessoas para esse trabalho. Esse tipo de programa pode ser desenvolvido em todos os lugares possíveis, desde que haja pessoas competentes e profissionais treinados para isso.

IX. Profissionais das áreas de fisioterapia, fonoaudiologia e psicologia podem desenvolver aulas em universidades, faculdades, empresas e instituições, além de promoverem planos e programas de aplicação dessas disciplinas. Como exemplo, profissionais de fonoaudiologia podem ter benefícios com seus pacientes por meio do animal, quando incentivam a utilização do animal para ser o ponto de atenção e estimulam a fala, exercícios de musculatura e melhora da deglutição.



## ANEXO 2 - EXEMPLO DE CÃO UTILIZADO EM AAA E TAA

05/2010 14h26 - Atualizado em 27/05/2010 14h26

### Centro médico dos Estados Unidos 'contrata' cachorro terapeuta

Clínica Mayo até lançou livro infantil inspirado na atuação do animal. Jack, cão de estimação de uma funcionária, visita 8 a 10 pacientes por dia.

Do G1, em São Paulo



Jack, terapeuta que atende na Clínica Mayo, nos EUA (Foto: Clínica Mayo / divulgação)

Jack não é formado em medicina nem pode ser qualificado como enfermeiro. Mas dá expediente todos os dias em um dos centros médicos mais

importantes dos Estados Unidos, ainda que tenha apenas 9 anos de idade. Além da tenra idade e da falta de formação profissional específica, ocorre que Jack é um cachorro. O pinscher integra a equipe de tratamento da Clínica Mayo, ajudando os pacientes em atividades físicas, reabilitação e terapia da fala. Bicho de estimação de Márcia Fritzmeier, funcionária da clínica, Jack visita de 8 a 10 pacientes diariamente.



Livro inspirado no trabalho de Jack tem prefácio redigido por Laura Bush, ex-primeira dama dos EUA (crédito: Clínica Mayo / divulgação)

“Por que utilizamos um animal na terapia de pacientes da Clínica Mayo? Porque funciona!”, diz Brent Bauer, do departamento de medicina complementar e integrativa da Mayo. “Quase todos os pacientes se sentem melhor depois de uma visita de um cachorro como Jack. Mais que isso, estudos científicos têm comprovado que esse tipo de terapia pode reduzir a dor em crianças, ajudar a alcançar melhores resultados no tratamento de adultos hospitalizados com insuficiência cardíaca e reduzir o uso de medicamentos em pacientes idosos.”

Com base nessas constatações, Edward Creagan, do departamento de oncologia da instituição, elaborou a pesquisa “Dimensão da Cura por Animais de Estimação”. O trabalho, um ensaio acadêmico, virou a base para uma espécie de homenagem a Jack: o “primeiro animal em serviço na Mayo”, como é qualificado pela instituição, inspirou um livro infantil, “Dr. Jack”. Barbara Bush, ex-primeira dama dos EUA e uma das curadoras da clínica, escreveu o prefácio.

## Estados Unidos

Publicado em junho 10, 2010 por Estudante

Natasha Madov, iG São Paulo | 06/06/2010 16:39

Dr. Jack: pinscher ajuda pacientes em reabilitação oral e motora  
Dos 50.000 funcionários da Clínica Mayo, em Rochester, Minnesota, o Dr. Jack é um dos mais populares. Sua ronda de visitas, de oito a dez por dia, é uma das mais aguardadas do hospital, dos sorrisos que arranca de pacientes, visitantes e equipe. Mas Jack não é exatamente um médico simpático ou um enfermeiro brincalhão, e sim um pinscher miniatura de nove anos, que ajuda na reabilitação e socialização dos doentes do hospital.

A clínica resolveu aplicar na prática estudos que mostram que o contato com animais no ambiente hospitalar diminui dor em crianças, melhora o estado de pacientes cardíacos e diminui a medicação em idosos, e Jack já ajudou na recuperação de duas mil pessoas (quatro brasileiros, entre eles), de idades que variam dos 11 meses aos 92 anos, desde que começou a trabalhar na Mayo, há sete anos. Como havia sido treinado desde filhote para ser um cão de serviço, Jack logo foi incorporado à equipe de fisioterapeutas da instituição.

“Jack trabalha com pacientes em atividades físicas, terapia da fala e recuperação de memória, além de diminuir o stress dos pacientes e da equipe médica,” explicou ao iG sua dona, Marcia Fritzmeier, terapeuta da clínica. “Jack faz suas visitas por encaminhamento dos médicos, que definem metas para que ele trabalhe com os pacientes durante a recuperação”.

### **Ajudando crianças**

O envolvimento emocional dos pacientes com o cãozinho é um fator de cura, segundo Marcia. Um exemplo, conta, foi o de uma menina de cinco anos que sofria de dores nas pernas após uma cirurgia. “Era muito doloroso para ela andar, ela chorava a maior parte do tempo. Na fisioterapia, Jack ficava em pé na frente dela e a cada passo, ele a encorajava a ir mais longe. Ela se divertia tanto que parava de

chorar e sorria. Em outro momento, quando teve problemas com o andador, Jack ficou ao seu lado, e ela ia contando os passos que ambos davam. Um momento ela parou e disse a ele: ‘Jack, eu sei que é difícil, mas nós vamos conseguir’”. Outro caso foi o de um menininho de seis anos com tumor cerebral. Após uma cirurgia, ele não respondia a nenhum pedido da equipe médica, mas interagiu com o cãozinho. “Ele tocava Jack e o seguia com os olhos, e continuou a vê-lo durante vários meses. Mesmo sem conseguir falar, ele sorria quando Jack respondia a seus sinais. Jack o incentivava a tomar seus remédios, e era o único que o menino queria ver durante a quimioterapia. Ao ir embora do hospital, sinalizou um ‘obrigado’ e disse a Jack que o amava. Não poderíamos receber um melhor presente que esse,” descreveu a terapeuta ao iG.

O sucesso gerou um livro infantil, “Dr. Jack the Helping Dog” (Dr. Jack o Cão Ajudante), distribuído nas sedes da Mayo nos Estados Unidos. O livro conta a história de Jack, traz fotos e depoimentos de pacientes e um ensaio do oncologista Edward Creagan sobre o poder de cura de animais de estimação. Por enquanto, Jack é o único cachorro-terapeuta da Mayo. A clínica estuda ampliar o serviço com mais cães, mas para isso, depende de financiamento para desenvolver um programa mais amplo.

## ANEXO 3 - CINOTERAPIA EM CRICIÚMA, SC

### Spike e Atus, uma dose dupla de educação e afeto



Eles falam com latidos, sorriem balançando o rabo e enxergam com o coração. Saudáveis e alimentados, não precisam de nada mais do que um afago para sentirem-se felizes e retribuírem o afeto com uma lambidinha ou um típico abraço de cão. Na manhã de hoje, quem teve a certeza de que é possível uma relação perfeita entre homem e animal foram os alunos do Centro de Educação Infantil Municipal Mário Pizzeti, do bairro Ana Maria. **Spike e Atus**, os labradores do Grupo de Patrulhamento com Cães do 9º BPM, atraíram os olhares das crianças numa ação que abordou cuidados, carinho, respeito e prevenção. “Mostramos para as crianças o trabalho que fazemos com os cães, possibilitando a elas a interação”, comentou o soldado **Leandro Edi da Silva**. Quando tiveram oportunidade de questionar os policiais, a pergunta de quase todos os estudantes foi por que a polícia precisa de cachorros. “Temos sete cães no GPC que nos auxiliam no faro de entorpecentes e nas ações de segurança, como aquelas dentro dos presídios”, explicou Leandro. Além de labrador, a PM possui pastor alemão e rottweiler. Para a professora **Angélica Cristina Medeiros**, o evento ofereceu dicas aos alunos de como tratar um animal de estimação. “A presença dos cães faz com que as crianças entendam quando um animal representa ou não perigo, além de mostrar que muitas vezes o cachorro ataca uma pessoa apenas porque é maltratado”, salientou ela. A novidade foi aprovada. “O policial disse que precisamos dar carinho ao cachorro, eu dou carinho ao meu”, garantiu **Natiele Ramos**, cinco anos. Já **Kauã Moreira**, quatro anos, percebeu o quanto os amigos de quatro patas gostam de brincar. “Eu vi os cachorros pulando e o policial disse que eles não mordem pessoas, só comida”, comentou com um sorriso no rosto. (Texto: Fernanda Rodrigues/Fotos: Ketlin Espíndola) - (TRIBUNA DO DIA, 5/6/2010).